MARCOS REY
O RAPTO
DO GAROTO DE OURO
editora ática

Marcos Rey

O Rapto do Garoto de Ouro

Editora Ática

SÉRIE VAGA-LUME

Edição de texto – Marina Appenzeller
Capa e ilustrações – Jaime Leão
Projeto gráfico – Ary Normanha
Diagramação – Regina Iamashita
Supervisão gráfica – Ademir C. Schneider
Suplemento de Trabalho – Marina Appenzeller

QUEM É O AUTOR

O verdadeiro nome de Marcos Rey é Edmundo Donato, descendente de imigrantes italianos. Nasceu em São Paulo, cidade-cenário de todos os seus livros, inclusive dos infanto-juvenis.

Como seu pai era gráfico e encadernador e seu irmão mais velho escritor, viveu desde a infância entre livros, começando a escrever muito cedo. Aos dezesseis anos publicou o primeiro conto e, algum tempo depois, o primeiro romance, *Um gato no triângulo*.

Para adultos, Marcos Rey já lançou oito romances, três livros de contos e dois de divulgação. A Editora Ática, em sua Coleção de Autores Brasileiro, editou três romances seus: *A última corrida*, empolgante história de um rapazinho que adquire um cavalo de corridas e tenta ganhar o Grande Prêmio do turfe, e *A arca dos marechais*, ficção de suspense e intensa ação psicológica.

No gênero infantil, Marcos Rey escreveu *Não era uma vez*, as aventuras de um menino à procura de sua cadelinha perdida na metrópole. Depois vieram os infanto-juvenis, todos publicados na Série Vaga-Lume: *O mistério do cinco estrelas, O rapto do garoto de ouro* (que virou peça teatral), *Um cadáver ouve rádio* e *Sozinha no mundo*. Nestes há sempre uma forte trama policial e, para quem prestar mais atenção, o enfoque de problemas sociais.

Marcos Rey recebeu diversos prêmios literários e alguns dos seus livros estão sendo traduzidos no Exterior.

O GRANDE SHOW QUE NÃO OUVE

Alfredo mirou-se no espelho do guarda-roupa com a curiosidade e o vagar de quem olhasse outra pessoa, embora já estivesse atrasado para o show. Lá estavam seu sorriso, sua extravagante blusa aluminizada e o braço de sua guitarra elétrica sobre a banqueta do quarto. Ainda há um ano, quando se olhava naquele mesmo espelho, via apenas um rapaz comum, parecido com tantos outros do bairro, cuja identificação era apenas facilitada por um punhado de sardas no rosto e uma onda de cabelos, muito rebelde, que nenhum salão de barbeiro do Bexiga conseguira domar. Mas muita coisa nos últimos doze meses acontecera em sua vida e em sua aparência. Levado por um amigo da família a um programa de calouros da televisão, obteve o primeiro lugar cantando e tocando um rock brasileiro e daí à estréia como profissional e ao contrato com uma gravadora de discos foi um piscar de olhos. O sorriso do espelho nasceu com as fotos dos jornais e revistas, que além de simpatia comunicavam a certeza dos que confiam no sucesso. Seu guarda-roupa de escolar e aprendiz de marceneiro, profissão do pai, foi substituído por um vestuário sofisticado, que encantava a vizinhança e o público pela diversidade de tecidos, cores e padrões. Porém o novo Alfredo só ficou pronto para o uso comercial quando seu empresário, homem muito esperto, arranjou-lhe um apelido consagrador – o Garoto de Ouro – logo aceito e repetido por todos. Comentava-se que estava ficando rico e que os Carlucci (Alfredo, os pais, três irmãos menores e a a vó) em breve se mudariam para um bairro de luxo, talvez o Morumbi.

O Garoto de Ouro completava nesse dia dezesseis anos e a Bela Vista oferecia-lhe um banquete-festa numa de suas mais tradicionais cantinas, II Cacciatore, homenagem que teria de retribuir cantando e tocando. Desta vez não haveria cachê, pagamento, mas nunca estivera tão emocionado, porque toda sua família, amigos e conhecidos, gente que o vira nascer, estariam presentes. Lá, diante duma mesa farta e cheirosa, encontraria o seu querido Leo, bellboy do Emperor Park Hotel, um de seus primeiros fãs, e o primo dele, Gino, na cadeira de rodas, campeão de xadrez do bairro, a bela Ângela do Morro dos Ingleses, Duda, o centroavante do time do Bexiga, e Jaime Barone, o Jaimão, ex-ator de rádio, o mais velho de seus faixas, justamente aquele que o levara para o programa de calouros, quando tudo começara. Estava com saudade de todos. A televisão, os shows, as gravações e viagens tomavam-lhe o tempo inteiro, nada restando ara amigos e entretenimentos.

Ainda diante do espelho, na velha casa dos Carlucci, Alfredo ouviu um ruído, como de dois pés, calçando sapatos de borracha, que dessem um pequeno salto. Estranhou, pois estava sozinho. Até a nona, com seus oitenta e tantos anos, fora para a cantina, onde a família ocuparia a mesa principal com o diretor da gravadora e Lucas Lazzari, argentino, calvo, sempre fumando charutos, seu empresário. Ele, haviam combinado, chegaria depois, todos já acomodados, atraso premeditado para valorizar sua chegada, que um conjunto de rock anunciaria com ritmo e alegria.

Novo ruído, agora de quem esbarrasse numa cadeira.

"Devo estar me atrasando demais", imaginou o Garoto de Ouro na suposição de que alguém viera buscá-lo. Lançou um último olhar ao espelho, aprovando seu visual, apanhou a guitarra elétrica e saiu do quarto já com alguma pressa. Enquanto atravessava o corredor teve a impressão de ouvir passos. A sala de jantar; com seus velhos móveis, não estava completamente escura, porque uma das três janelas, apenas encostada, alguém esquecera de fechar. Ouvia o tique-taque do relógio-cuco, o mesmo que lhe ensinara conhecer as horas, e de alguma parte algo, também ritmado, que lhe pareceu a respiração duma pessoa.

O Garoto de Ouro ergueu a guitarra e golpeou o mascarado, espatifando-a.

– Pai, já estou indo – disse em voz alta, acreditando que seu pai por algum motivo voltara da cantina.

Como não recebeu resposta, a janela aberta e os ruídos que ouvira assumiram um significado perturbador. No mesmo instante foi atacado por um pavor tão grande que o paralisou. Reagindo, tentou forçar as pernas, cheias de chumbo, na direção da porta salvadora da rua, visível da sala de jantar. Logo o primeiro passo foi detido por uma das cadeiras, deslocada de seu alinhamento com as demais. Evidente: alguém, depois de saltar a janela, na penumbra, colidira com ela, tirando-a do lugar.

"Que é isso?", perguntou-se antes de desviar do obstáculo. Um cheiro penetrante e enjoativo, cheiro de hospital, invadia a sala. O corroído assoalho do corredor rangeu. A pessoa, assustada pelo seu próprio toque na cadeira, escondera-se num dos quartos e voltava à sala de jantar para agir.

O Garoto de Ouro ergueu a guitarra e golpeou o mascarado, espatifando-a. O agressor, pouco mais que uma sombra espessa, cambaleou e apoiou-se à parede. Alfredo largou o que restava do instrumento e correu para a porta, mas, antes que a alcançasse, sentiu-se agarrado enquanto um lenço encharcado e frio tapava-lhe as narinas. Lembrou-se, depois, que, mesmo tonto e sufocado, lutou desesperadamente. Rasgava um dos bolsos do desconhecido quando desmaiou.

DENTRO DE UMA CASA ESCURA

– Por que será que Alfredo está demorando tanto? – perguntou Leo, sentado entre seu primo Gino, à direita, e Angela, a quase-namorada, à esquerda.

A cantina, já repleta, fora toda decorada por flâmulas, faixas e bandeirolas com dizeres alusivos ao aniversário do Garoto de Ouro.

Algumas bolas de assoprar; no limite de sua resistência, boiavam pelo salão numa festiva multiplicidade de cores. E sobre as mesas, Jaime, o organizador mandara colocar pequenos jarros com rosas, cravos e margaridas. Tudo preparado para a festa, inclusive os discursos e a comida, só faltando a aguardada chegada do jovem mais popular e querido do bairro.

– Todos os ídolos gostam de se fazer esperar – respondeu Gino bem acomodado em sua cadeira de rodas. – São como noivas.

Ângela, porém, ainda mais bonita naquela noite, com sua japona dourada, perdia a paciência que Gino conservava, condenando a todo instante a demora de Alfredo.

– Ele está dando uma de importante – dizia. – O sucesso deve lhe ter subido à cabeça. É o que sempre acontece com artistas.

A ansiedade já era perceptível em todas as mesas, cujos ocupantes se mexiam, impacientes, ou se levantavam, circulando pelo salão. Os rapazes do conjunto de rock afinavam os instrumentos, para preencher o tempo, e Lucas Lazzari acendia mais um charuto. Mas a família do Garoto de Ouro, na mesa principal, era a mais preocupada, tanto que o pai dele, seu Domingos, deixou a cadeira, irritado, e aproximou-se de Leo.

– Faça-me um favor – pediu. – Parece que Alfredo esqueceu a festa. Dê um pulo até minha casa.

Leo pôs-se de pé imediatamente.

– Pode deixar, seu Domingos. Estava pensando em fazer isso mesmo. Volto num instante.

O que era para Leo uma tarefa tornou-se um prazer quando Ângela também se levantou, prontificando-se a acompanhá-lo.

– Vou com você – disse. – Já me cansei de ficar sentada.

Gino, que nunca perdia um lance, sorriu para o primo, ciente de que a idéia de Angela lhe dava enorme satisfação. E não desfez o sorriso enquanto os dois não saíram da cantina.

Leo e Ângela não precisaram tomar nenhuma condução: a casa dos Carlucci era a poucos quarteirões do Il Cacciatore. Logo à saída esbarraram com Heitor Salvattore, o campeão de braço-de-ferro do Bexiga, retardatário, que lhes perguntou se a festa já acabara. Ao saber do atraso, ofereceu-se para ir no lugar deles.

– Voltem para a cantina – ordenou, forçando a ambos com seus braços poderosos. – Andar é comigo mesmo.

Leo, que por nada deste mundo perderia a oportunidade dum passeio com Angela, recusou a gentileza, segurando a moça firme para que ela não cedesse à insistência do brutamontes.

– Já estamos a caminho, campeão. A gente volta num minuto.

Apesar da tensão da espera, Leo sentia-se feliz em andar pela rua com Angela, com quem às vezes tomava refrigerantes e dançava discoteca, mas sem palavras doces nem compromissos. Aos dezesseis anos vivia as emoções de seu primeiro emprego, no Emperor Park Hotel, onde era bellboy, mensageiro, e cursava uma escola noturna, ocupações que lhe consumiam o tempo todo. Apenas nos fins de semana, ansiosamente aguardados, Leo podia descansar e entreter-se indo ao cinema, jogando xadrez com o primo Gino e acompanhando o pai, Rafael, ou simplesmente Rafa, como o chamavam, à feira hippie da Praça da República. O veterano era artista. Fabricava estatuetas de madeira, de segunda a sábado, e no domingo as vendia, ou tentava vender, na praça. Mas a alegria, sempre angustiada de Leo, era a possibilidade, nesses dois dias, de encontrar-se com Ângela nem se fosse para breve conversa de esquina. Os pais dela, porém, gente endinheirada, que morava num luxuoso apartamento do Morro dos Ingleses, costumavam viajar para o Guarujá aos sábados, logo pela manhã, e quando isso acontecia o rapaz ficava com aquela cara que somente o primo Gino entendia.

– Acha que Alfredo adoeceu de repente? – perguntou Ângela.

– Antes de ele ser o Garoto de Ouro era um grande dorminhoco – lembrou Leo. – Uma vez fomos jogar futebol e dormiu no vestiário. Uns, quando se emocionam, têm dores de barriga. Alfredo cai no sono.

– Pensei que ele chegaria de carro! – admirou-se Ângela, andando apressada ao lado de Leo.

– Alfredo gosta de ser reconhecido pelas ruas. Todo artista quando ganha cartaz fica muito vaidoso. Mas ele mora ali. Naquela casa.

O pequeno portão estava encostado, porém o maior, ao lado, para a entrada do carro, o velho Fusca dos Carlucci, havia sido deixado escancarado. Leo foi logo tocando a campainha sem tirar o dedo do botão. Se Alfredo dormia, precisava despertá-lo, arrancá-lo do sono a toques contínuos.

– Pare, Leo, assim até defunto acorda.

Ficaram os dois, em silêncio, à espera, olhando para a casa. A impaciência de Leo obrigou-o a voltar à carga. Como Alfredo não dava sinal de vida se até da rua se ouvia distintamente a campainha?

– Vamos entrando – comandou Leo.

Empurrou o portão menor, foi até a porta e bateu com um e depois com os dois punhos cerrados. Não obtendo resposta, decidiu ir até o corredor externo, de cimento, ao lado direito da casa, que conduzia a um minúsculo quintal. Andava e chamava junto às quatro janelas dos quartos e da sala de jantar: – Alfredo! Alfredo!

As venezianas estavam todas fechadas, menos uma, aberta, um palmo.

– Dê uma espiada nesta – sugeriu Ângela.

Leo pôs-se nas pontas dos pés e, observando que também a vidraça não fora trancada, forçou um olhar penetrante na penumbra da sala. Assim que seus olhos se ambientaram à ausência de luz, percebeu os contornos da antiga mesa, onde tantas vezes almoçara, as linhas da cadeira de balanço, um trecho da cristaleira e sobre o tapete, caído, algo que lhe pareceu a guitarra de Alfredo, ou pedaços dela.

– Ângela, me ajude, vou tentar entrar.

– O que você está vendo?

– Não sei ainda, mas vi uma coisa.

A moça, com ambas as mãos, ajudou Leo dar o impulso que seu corpo precisava para atingir o peitoril. Bastou uma tentativa. Sentado na janela, jogou as pernas para o interior, ergueu o polegar num "tudo bem" para a companheira e entrou.

Sentindo uma emoção estranha, criada pelo silêncio e pela escuridão, Leo tateou ansiosamente o interruptor da luz, iluminando a sala. Viu uma cadeira tombada e perto dela, confirmando a impressão à distância, a guitarra de Alfredo dividida em dois pedaços, apenas reunidos pelas cordas musicais. A aludida "emoção estranha" virou medo mesmo, mas, conseguindo dominá-lo em parte, seguiu até o quarto do Garoto de Ouro, chamando-o:

– Alfredo! Alfredo!

Abriu a porta e não viu ninguém. Ia examinar os outros quartos quando ouviu a campainha. Era Ângela, querendo entrar.

– Ele está? – perguntou no tom de voz de quem adivinha má noticia.

– Venha comigo – disse Leo para que ela fizesse suas próprias deduções.

Leo ergueu a guitarra quebrada e passou-a para Angela, que a segurou como se fosse um cãozinho ferido.

– Você encontrou a cadeira também assim?

– Não toquei em nada.

– Leo! Parece que ele foi atacado por alguém e se defendeu com a guitarra.

– Alguém que saltou aquela janela!

– Mas se ele não está aqui é porque escapou com vida.

– Vamos voltar à cantina, Angela – disse Leo, pegando o instrumento. – Pode ser que já esteja lá contando para todos o que aconteceu.

– Veja, Leo, um botão da roupa de Alfredo!

O rapaz abaixou-se, viu sob a mesa um botão prateado, e, perto, uma pequena agenda verde, com capa flexível, que guardou no bolso para devolver ao seu dono.

UMA NOTICIA MUITO RUIDOSA

Já nas proximidades do II Cacciatore Leo e Angela ouviram o conjunto de rock, tocando animadamente, e então, com a certeza de encontrarem o amigo, entraram, afobados, na cantina. Lançaram um longo olhar pelo salão, à procura de Alfredo, que convergiu para uma cadeira vazia entre o diretor da gravadora e o empresário Lazzari. Onde estava o Garoto de Ouro?

Leo tapeou uma bola colorida, que se interpunha entre ele e a mesa principal, e a passos rápidos chegou perto do pai de Alfredo mostrando a guitarra quebrada.

– Ele não está em casa! – bradou. – E veja o que encontrei!

Seu Domingos levantou-se e pegou o instrumento.

– É o de Alfredo – disse. – Onde encontrou?

– Na sala de jantar.

– Mas como conseguiu entrar?

– Uma das janelas estava aberta. Saltei e entrei.

O pai de Alfredo curvou-se, como se tivesse levado uma flechada nas costas, e dirigiu-se à sua mulher, ao diretor da gravadora e ao empresário Lazzari:

– Alguma coisa aconteceu a meu filho.

Bastou dizer isso, e não muito alto, para que se estabelecesse verdadeira confusão na cantina. Jaime Barone, o descobridor do Garoto de Ouro, pegou a guitarra, pondo-se a examiná-la, Heitor, o campeão de braço-de-ferro, começou a correr entre as mesas como se participasse duma gincana, Marino Bataglia, dono dum canil, foi consolar a mãe e a avó do desaparecido e desastradamente derrubou uma jarra de vinho, e Laura Ferrucci, ex-Miss Bela Vista, ainda bonitona, gritou, repetidas vezes: "Ele foi raptado! Ele foi raptado!".

Leo e Ângela imediatamente foram cercados por um grupo crescente de convidados que lhes fazia toda sorte de perguntas como se ambos soubessem de tudo e escamoteassem informações. Jaime, o Jaimão, ainda segurando a guitarra partida, logo liderou o grupo. A única pessoa ali, que se conservava calma, embora movimentasse a cadeira de rodas pelo salão, era Gino, o primeiro a dar uma idéia prática.

– Telefonem para a polícia – disse ao empresário.

– Mas ainda nem sabemos o que aconteceu a ele – retrucou Lazzari, já sem fumar charuto.

– Veja o estado em que ficou a guitarra! Isso diz tudo.

O empresário, apesar do argumento, não se mexeu, e quem tomou a iniciativa de telefonar foi o próprio pai de Alfredo, que conhecia o doutor Arruda, da delegacia da Bela Vista.

Imediatamente algumas pessoas dirigiram-se a pé e de carro para a casa do Garoto de Ouro. Leo foi empurrando a cadeira de Gino, mas

sem a companhia de Angela, que muito nervosa se despediu deles na cantina. Os primeiros a chegarem foram a família de Alfredo, Jaimão, Heitor, Laura, o empresário e o diretor da gravadora.

Ao ver o portão de entrada do seu Fusca aberto, seu Domingos foi dizendo:

– Não deixei isso assim. Sempre fecho o portão quando saio.

E Jaimão acrescentou:

– Vi o senhor fechar.

Todos entraram na casa, a mãe de Alfredo levando a nona para o quarto, tão abatida que nem conseguia manter-se de pé. Leo mostrou onde encontrara a guitarra e a cadeira derrubada, informações que nada esclareciam. Mesmo lá falava-se ao mesmo tempo, repetindo em menor volume o que já acontecera na cantina.

O vozerio cessou apenas quando entraram o delegado e dois investigadores. Com sua tranqüilidade profissional, doutor Arruda quis saber o que acontecera. Depois ouvir de toda a história da boca de vários narradores, dirigiu-se a Leo.

– Por onde você entrou?

– Por aquela janela, doutor. Estava só encostada.

– Isso que não entendo – disse seu Domingos. Costumamos fechar as janelas quando saímos.

O delegado concluiu imediatamente:

– Ela foi forçada. Vamos examinar.

Gino olhou para Leo e sacudiu a cabeça negativamente. Ele já sabia o que os policiais só descobririam em seguida, pois enquanto todos falavam verificara a janela.

– Estranho! – exclamou o delegado. – A veneziana e a janela estão em perfeito estado. Não foram forçadas.

Agora foi Leo que olhou para o primo. Este sacudiu outra vez a cabeça, desta vez afirmativamente. Excelente enxadrista, o paraplégico sempre antecipava um lance.

Algum tempo depois, enquanto se aguardava a chegada da Polícia Técnica, que tentaria colher impressões digitais, Leo e o primo retiraram-se, já tarde da noite.

Empurrando a cadeira, Leo perguntou:

– O que acha disso tudo, primo?

– Rapto – garantiu Gino.

– Tem certeza?

– Absoluta.

– Porquê?

– A entrada para carro estava aberta. Alfredo deve ter sido posto dentro dum automóvel. E o raptor não ia se dar ao trabalho de descer para fechar o portão. Seria insensato. Alguém poderia vê-lo.

– Você continua com boa cabeça – comentou Leo.

– Ela é um pouco melhor que minhas pernas – disse Gino que dificilmente perdia o bom humor.

Ao voltar para casa, Leo teve de contar tudo de novo ao seu avô, Pascoal, que não fora à cantina. No quarto, o irmão caçula, Diogo, já dormia. Começou a tirar a roupa. Num dos bolsos pegou o botão prateado da blusa vistosa do Garoto de Ouro encontrado sobre o tapete, e a minúscula agenda de capa verde. Deitou-se na cama disposto a lhe dar uma olhada antes de apagar a luz do abajur. Abriu-a e logo fixou os olhos, perturbado. Santo Deus! Desde o curso primário conhecia a letra de Alfredo, muito nítida e caprichada. Mas não fora sua mão que escrevera aqueles nomes e endereços! Podia jurar! Com toda a certeza a pequena agenda verde caíra do bolso do raptor.

O GAROTO DE OURO E OS SEUS SENTIDOS

Sentiu que estava deitado sobre algo áspero e enrugado, de contato familiar e identificável: devia ser um saco de estopa. As primeiras sensações vinham-lhe pela sensibilidade da pele. A escuridão era

absoluta como se tivesse um trapo preto nos olhos. Moveu lentamente os braços e depois as pernas, teste para verificar se alguém os amarrara. Passou a mão tateante pelo rosto: nenhuma venda ou mordaça. Os membros livres. Fora abandonado em algum lugar, numa superfície plana, sobre um saco de estopa ou de qualquer outro pano grosseiro. Os ouvidos não captavam nenhum ruído. O olfato, porém, revelou-lhe um cheiro de coisas velhas e molhadas, que procedia do tecido sobre o qual acordara ou do próprio ambiente.

Durante longo tempo permaneceu imóvel. Quando adquiriu a certeza de que estava só, ajoelhou-se cautelosamente e depois se levantou. O fato de poder manter-se de pé, com todos os membros inteiros e nenhuma dor que significasse fratura ou ferimento, eliminou maiores apreensões. Deu um passo como se temesse cair num abismo. No segundo, ouviu um estalido típico de velhos assoalhos que cedem e protestam ao menor peso. Bastou andar pouco mais, com os braços estendidos diante do corpo, feito um sonâmbulo, para tocar com os dedos numa parede. Começou então a circular, a passos curtos, com as mãos à parede, ouvindo novos estalidos, e a sentir mais forte o cheiro de mofo, que o acompanhava em seu giro cego.

Ao tatear uma porta o Garoto de Ouro parou. Tocou a maçaneta esperançoso, rodando-a dum lado e de outro repetidas vezes. A porta não abriu. Estava trancado. Mas ainda não conhecia o tamanho de seu presídio. Continuou a andar e a tatear, descobrindo logo depois uma janela fechada e, em seguida, uma porta que se comunicava com um estreito compartimento, um banheiro. Com as mãos bem espalmadas seguiu os contornos duma pia. Pouco acima, seus dedos localizaram um interruptor. Apertou-o: inútil. Não havia luz.

Abriu a torneira. Nenhuma gota. Sem luz, sem água.

Já tendo usado todos os sentidos para descobrir que estava preso num quarto escuro, sem móveis e cheirando a mofo, o Garoto de Ouro

foi até a porta e colou o ouvido na expectativa de algum ruído revelador. O mundo parecia acabar naquela porta.

"Acho que estou numa casa abandonada", pensou.

A AGENDA VERDE

A agenda verde, com aquela letra, que não era de Alfredo, fez Leo passar quase a noite toda de olhos abertos, enquanto, na cama ao lado, Diogo, o caçula, dormia e roncava. A pista para localizar o raptor podia estar naquele caderninho de poucas páginas agora na gaveta de seu criado-mudo. Deveria entregá-lo à polícia?, perguntava-se. Entregaria, talvez, mas, antes, já decidira, levaria a agenda a seu primo Gino para examinarem juntos. Não podia esquecer que ambos, há não muito tempo, haviam elucidado um crime ocorrido no Emperor Park Hotel, onde Leo trabalhava, ajudando a polícia a desbaratar ativíssima quadrilha de traficantes de tóxicos.

Leo levantou-se da cama cedo, banhou-se e foi à cozinha tomar café com seu avô, Pascoal, servidos por dona Yolanda, que também dormira pouco devido à emoção do rapto. Esse foi o assunto na cozinha, ela dizendo que faria uma visita aos pais de Alfredo, o velho xingando o raptor em português e italiano, e ele, fazendo comentários, mas sem mencionar a agenda verde.

Depois do café, como não ia trabalhar porque era sábado, Leo marchou para a casa de Gino. Quem lhe abriu a porta foi tia Zula, nada alegre, nem vermelhuda como era o seu natural.

– O rapto saiu nos jornais – ela disse assim que abriu a porta. – Gino está lendo no quarto.

Leo foi até o quarto do primo, bateu à porta e entrou.

– Olá, Gino!

O primo, deitado na cama, sobre as cobertas, já vestido, mal ergueu a cabeça para dizer "olá". Com seus olhos vivos e muito abertos, lia os jornais passando de um para outro e amassando-os, agitadamente, até chegar ao último.

– Os jornais não sabem de nada – comentou. – E receio que nem a polícia.

– Será que os raptores já fizeram algum contato com os pais de Alfredo?

– Se não fizeram, vão fazer.

– Quanto será que pedirão?

– Alfredo é o Garoto de Ouro. Está valendo muito dinheiro.

Leo provocou uma longa pausa na conversa antes de fazer a pergunta engatilhada.

– Gino, você gostaria de me ajudar a descobrir os raptores de Alfredo?

Passando da cama à cadeira de rodas, que estava ao lado, Gino respondeu com a sensatez de sempre.

– Descobrir sem pista alguma? Nem mesmo um grande detetive, primo. Sempre é preciso ter um ponto de partida.

– Você quer dizer algum objeto que caiu ou foi esquecido no local do crime?

– Ao menos um fio de cabelo. Para Sherlock Holmes era quanto bastava. Mas não temos cabelo, objeto, nem suspeito. A única esperança é que a Polícia Técnica encontre impressões digitais.

Leo enfiou a mão no bolso da calça, retirou a agenda verde, escondida na palma e com um sorriso enigmático depositou-a sobre as pernas do primo, dizendo simplesmente:

– A pista.

– O que é isso?

– Não está vendo? Uma agenda.

Gino pecou o caderninho e lançou um olhar elétrico ao primo.

– Onde a encontrou?

– Queria que visse como seus olhos estão brilhando.

– Se demorar mais a responder eles dispararão faíscas.

Leo, que a esta altura não tinha mais dúvida – ia contar com a valiosa colaboração do primo – , contou tudo.

– Encontrei a agenda ontem à noite, na casa de Alfredo, quando eu e Ângela fomos buscá-lo. Estava sobre o tapete da sala, ao lado dum botão da blusa dele.

Gino procurou refrear a emoção, ponderando:

– Ora, pode pertencer ao próprio Alfredo.

O mensageiro de hotel sacudiu a cabeça negativa e vitoriosamente:

– Pensei nisso. Mas conheço a letra de Alfredo. Sentamos no mesmo banco, na escola, durante anos. Nunca foi grande aluno mas sua caligrafia era inconfundível.

Como se fosse um detetive famoso ou procurasse imitar um deles, Gino tentava manter a calma, o alicerce de todo raciocínio lúcido.

– Aqui certamente tem nomes e endereços. Você já leu?

– Passei os olhos apenas, mas estava muito excitado ontem à noite. Preferi aguardar o exame até agora. Dois vêem mais que um.

Gino tinha mais uma pergunta:

– Alguém sabe que encontrou isso?

– Ângela, naturalmente, mas só quando ia dormir, já na cama, é que vi que a letra não era do Alfredo.

Gino folheou a agenda. Umas vinte páginas, algumas em branco. Devia ser nova, por isso era reduzido o número de nomes e endereços, anotados com esferográfica azul. O paraplégico leu todos, em voz alta, e inclusive, no final, o nome da tipografia: a Ideal.

Não era possível duma vez gravar todos os nomes. Leo retomou a agenda e, ainda mais pausadamente do que Gino, releu tudo, realçando, com ênfase especial, os mais conhecidos.

– São pessoas do bairro – observou Gino – o que faz crer que o raptor ou raptores tambem sejam.

– Sim, elas devem conhecê-lo.

– Mas talvez não saibam que o dono dessa agenda raptou o Garoto de Ouro.

– Isso é verdade – concordou Leo, já pondo em dúvida o valor da agenda para a descoberta do raptor. Por um momento ela lhe pareceu um livrinho de endereços sem nenhum interesse.

Gino moveu a cadeira de rodas para a cozinha. Lá, tia Zula serviu-lhe café, leite e pão com manteiga. Leo aceitou apenas um café, estranhando que o primo não fizesse mais nenhuma alusão à agenda verde. Limitava-se a ouvir os comentários de sua mãe sobre o rapto.

Após a ligeira refeição, Gino rodou a cadeira para a sala e, por hábito ou desejo de jogar, alinhou as pedras do tabuleiro de xadrez, seu maior entretenimento. Mas a palavra que dirigiu a Leo não era um convite ao jogo.

– Bem, todo esse pessoal da lista conhece o raptor, embora talvez nada saiba sobre o caso. Mas é capaz que esteja aí alguém que tenha alguma informação a dar. Ou mesmo uma simples desconfiança valiosa – E concluiu com uma possibilidade ainda mais atraente: – Quem sabe um desses seja sócio do homem?

Leo apertou a agenda na mão, revalorizando o achado.

– Mas como poderemos descobrir a ligação dessa gente com o raptor?

– Ora, os nomes não são muitos, o que facilita a investigação.

– Investigação? Fala em entregar a agenda à polícia?

– Não, primo, a idéia seria entrevistar, ir à casa dessas pessoas, onde trabalham, papear, fazer perguntas, fuçar, arrancar alguma pista e, caso tenham culpa no cartório, encostá-las à parede.

Leo entusiasmou-se pela idéia.

– Como se fosse uma simples visita...

– Mesmo porque é gente conhecida.

– Poderemos completar as visitas em pouco tempo. Aliás, não se tem tempo a perder. Vamos escolher o primeiro nome da agenda.

Gino não estava tão afoito e tinha razões para isso. Sabia que ia decepcionar o primo.

– Primo, eu gostaria muito mas não vou poder entrar nessa.

– Não?

– Hoje começa o Campeonato Juvenil de Xadrez, no Centro Educativo, e eu estou inscrito.

– Que pena!

– Por que não convida Ângela? Ela me parece muito esperta. Leo aceitou a sugestão.

– Vou convidá-la agora mesmo.

Nesse instante, tia Zula, que tinha saído para fazer compras, voltou da rua, muito agitada.

– Encontrei o Jaimão no empório – foi dizendo. – Ele vinha vindo da casa dos Carlucci. O raptor deixou uma carta na caixa de esmolas da igreja. Pede dez milhões!

– Dez milhões? – espantou-se Leo.

– Se não pagarem, poderão matar o Alfredo.

Zula correu para a cozinha para tomar um calmante, deixando a ameaça no ar.

– Acho que tenho de agir muito depressa – disse Leo. – A vida de Alfredo está em jogo. Vou falar com Angela.

O mensageiro do Emperor já ia saindo quando o enxadrista o deteve com voz firme.

– Tive outra idéia para apressar as coisas. Você e Ângela poderão entrevistar a metade da lista. E eu convido alguém para entrevistar o restante.

Leo não morreu de amores pela sugestão.

– Quem mais você quer pôr neste barco?

– Jaime. Foi ele quem fez o Garoto de Ouro. Vai gostar de colaborar. Mas se quiser fazer tudo sozinho...

Como havia a hipótese de Ângela não querer ou não poder participar, Leo admitiu contar com mais um colaborador, ainda mais se tratando dum amigo dos Carlucci e alguém que tanto fizera por Alfredo.

– Você convoca o Jaime?

– Mamãe sabe como encontrá-lo. Mas volte logo, com ou sem Angela. Vamos fazer uma reunião aqui em casa dentro de uma hora – anunciou Gino, assumindo de sua cadeira de rodas o comando geral.

O AMANHECER DE UM RAPTADO

A tensão de algumas horas no escuro, o alvoroço que sentia e um medo indefinido e crescente não permitiram que Alfredo dormisse muito tempo. Acordou logo que a luz do dia penetrou pelas frestas da janela.

Seu presídio, visto agora, parcamente iluminado, ganhava apenas algumas vastas manchas de umidade distribuídas pelas paredes. Viu pela primeira vez a estopa que lhe servira de cama e, sem sair dali, a privada e a pia do banheiro contíguo. Mas, a metro e meio do lugar onde dormira, havia algo que o tato e os passeios no escuro não revelaram: um banco largo, desses de jardim-de-inverno, sobre o qual percebeu alguns volumes.

O raptor ou raptores para evitar contatos com sua vítima deixaram sobre o banco uma jarra de água cheia, um copo de plástico azul, meia dúzia de refrigerantes, um abridor de garrafa, meio queijo amarelo, meio queijo branco, um pacote de biscoitos, uma lata de bolachas e, debaixo, uma pequena cesta de vime com pêras, uvas e maçãs. Mas não era só isso. Havia, ainda, uma carta, dentro dum envelope, escrita a máquina, em fita vermelha, contendo uma ameaça em letras maiúsculas: "BASTA UM GRITO E SERÁ AMARRADO E AMORDAÇADO".

Alfredo, com muita sede, tomou um refrigerante e comeu duas maçãs com casca, sem tirar os olhos dos dizeres em vermelho. A pessoa que o levara para aquela casa seria capaz, com certeza, de cumprir a ameaça. Decidiu não chamar por socorro. Ele, que já sofrera de asma,

morreria sufocado se lhe tapassem a boca. Ouviu ruídos, distantes, que partiam da rua, buzina de carros e mais próximo, de algum estabelecimento na vizinhança, os sons contínuos e sempre iguais de uma serra. Teve também a impressão de ouvir latidos de cães e sobre o telhado a vibração sonora de pombos em revoada.

"Algo me diz que não estou longe de casa", pensou o Garoto de Ouro, como se identificasse pelo ar o seu bairro. Essa possibilidade, no entanto, não servia de consolo porque muitas vezes é perto, quase à vista de todos, que melhor se esconde um objeto, como em certas brincadeiras da infância. Atraído pelos vagos rumores de fora, foi à janela e encostou o ouvido à vidraça. Depois de alguns momentos de escuta, decidiu: não vou chamar por socorro mas tenho de fazer alguma coisa.

A REUNIÃO

Eram dez horas da manhã e estavam reunidos na sala de frente da casa de tia Zula seu filho Gino, Leo, Angela, toda de amarelo como um pedaço de sol, e Jaime, um homem duns quarenta anos, moreno escuro, com uma cara de traços bem definidos tal e qual um busto de bronze das praças públicas. O apelido, Jaimão, se devia não à sua altura, normal, mas a seu corpo maciço e pesado.

Gino tomou a palavra para explicações:

– Temos uma pista para encontrar o raptor de Alfredo – disse com muita naturalidade, mas querendo fazer certo suspense para conquistar o interesse de Angela e de Jaime. – O homem, na briga, deixou cair uma coisa muito comprometedora.

– Temos uma pista para encontrar o raptor de Alfredo
O homem, na briga, deixou cair uma coisa muito comprometedora.

– A pior coisa para ele seria a carteira de identidade – pilheriou Jaime.

– Não foi propriamente um documento – retrucou Gino – mas pode nos levar ao seu dono.

– Diga logo o que foi – exigiu a moça.

Gino abriu a mão e mostrou a agenda verde.

– Isto.

– Foi a que encontramos na casa de Alfredo – lembrou.

– Mas ela não pertence a Alfredo – prosseguiu o enxadrista. – Leo conhece muito bem a caligrafia dele. Não é essa. Caiu do bolso do raptor.

– Por acaso tem iniciais dele ou qualquer identificação? – quis saber Jaime sem tirar os olhos da agenda.

– Infelizmente, não – disse Gino – mas aqui estão os nomes e os endereços de conhecidos do cara, gente com quem ele transava por um motivo ou por outro. Todas essas pessoas – garantiu, erguendo a agenda – devem saber muito bem quem ele é, embora talvez não saibam o que ele fez.

Ângela objetou:

– Eu também tenho uma agenda, mas há nomes nela que nem lembro de quem são.

– Mas esta, vejam, é novinha em folha. Não há uma única dobra, nenhuma página amassada, a tinta das anotações parece recente e até tem cheiro de papel novo.

Jaime, mesmo sem pegar na agenda, concordou:

– Este caderninho saiu do prelo, não tem um mês. Mas o que vocês vão fazer com ele? Entregá-lo à polícia?

Desta vez quem respondeu foi Leo, doido para agir:

– Não, ainda. Antes vamos conversar com essa gente, ver se encontramos alguma pista ou algum suspeito. Pode ser, como o Gino já disse, que entre esses nomes esteja um parceiro do raptor, alguém que colaborou com ele ou que sabe quem ele é.

Ângela não necessitou de maiores explicações: topou o plano de Gino.

– A idéia – disse o enxadrista – é dividir a tarefa. Você, Ângela e o Leo entrevistam a metade desses nomes e o Jaime a outra metade. Resolvi convidar o Jaime porque o raptor já se manifestou e a coisa ficou mais urgente.

Jaime sensibilizou-se:

– Agradeço, Gino, ter lembrado de mim. Sou amigo dos Carlucci e quem deu a primeira oportunidade ao Garoto de Ouro. Vou cooperar, mas – advertiu – se não conseguirmos nada entregaremos a agenda à polícia.

– Nisso todos estamos de acordo. Agora vamos dividir o trabalho.

– Posso ver a agenda? – pediu Jaime.

– Claro.

– Vou escolher meus entrevistados.

– Escolha à vontade – disse Gino. – Como todos moram no bairro vocês não terão que andar muito. Mas, cuidado, não assustem as pessoas, ajam com malícia, abram bem os olhos e saibam conduzir as perguntas com inteligência.

Ângela (como estava bonita, observava Leo) levantou uma questão importante:

– Devemos dizer a essas pessoas que os nomes delas constam da agenda?

Leo ainda não havia pensado nisso, mas Gino já, tanto que respondeu imediatamente:

– Isso dependerá da astúcia de vocês. Algumas pessoas só falarão se mencionarem a agenda. Outras poderão dar informações mesmo sem nenhuma menção. É alguém que teve participação no rapto, direta ou indiretamente, aí, meus caros, sei lá que reação vai ter.

Jaime selecionou seus entrevistados. Anotou nomes e endereços num papel. Leo e Angela também. Dividida a tarefa em partes iguais, combinaram que as suspeitas e conclusões seriam comunicadas a Gino em sua casa ou no Centro Educativo onde estaria disputando o torneio de xadrez. Ele centralizaria os dados e comandaria as operações.

– Agora vamos trabalhar – disse Jaime.

– Espere, Jaimão. Você esteve na casa dos Carlucci, não?
– Estive, às oito horas.
– Então conte o que aconteceu por lá.

O PRIMEIRO OLÁ DO RAPTOR

"Eram oito da manhã, quando padre Geraldo, de uma das igrejas da Bela Vista, foi tocar a campainha dos Carlucci. Não tirou ninguém da cama. A família passara a noite acordada. A mãe de Alfredo, dona Bela, tivera de ser socorrida no Pronto-Socorro e já estava de volta, sempre amparada pelo marido, seu Domingos, e por uma senhora gorda e bonitona, dona Laura.

– O homem que raptou Alfredo telefonou para a igreja – disse o padre.

– Falou com o senhor? – perguntou seu Domingos.

– Não, quem atendeu foi o sacristão. Disse que havia uma carta na Caixa dos Pobres e desligou, O sacristão, sem me dizer nada, foi até a caixa, na porta, e lá estava a carta.

Seu Domingos apanhou um envelope branco, comum, escrito a máquina, em fita vermelha, e abriu-o com os dedos desgovernados, diante do padre, da mulher, de dona Laura e de Jaime, que chegava. O papel de carta era também comum e a mensagem batida na mesma máquina de fita vermelha. Dizia apenas: “EXIGIMOS DEZ MILHÕES; ARRANJEM O DINHEIRO O MAIS DEPRESSA POSSÍVEL”.

O pobre pai de Alfredo lia, lia, lia e não abria a boca. Dona Bela, lendo a mensagem, sobre o ombro do marido, tornou a sentir-se mal.

Foi levada para o quarto por Laura e pelo padre.

Jaime arrancou a carta da mão de seu Domingos, leu e disse-lhe em tom de ordem:

– Leve para a delegacia.

– Eles poderão matar meu filho.

– Leve, Domingos, a polícia saberá o que fazer.

Quando o padre reapareceu, Jaime perguntou-lhe como era a voz da pessoa que telefonara.

– O sacristão disse que era uma voz rouca, cheia de chiados, de alguém que estivesse fortemente resfriado. Antes de falar, tossira.

Ao ouvir esse relato, feito por Jaime, Gino comentou:

– A frase está no plural: exigimos dinheiro. Então são dois ou mais raptores.

– Isso não invalida o plano. Sendo mais de um talvez a empreitada se torne mais fácil – replicou Jaime.

– Seu Domingos foi à polícia? – perguntou Ângela.

– Foi com o padre Geraldo.

Leo fez outro tipo de comentário:

– Dez milhões! Os Carlucci não têm esse dinheiro.

– Acha que não? – admirou-se Jaime. – Não?

– Claro que não! Alfredo está ganhando bem há pouco tempo e quase tudo que já recebeu empregou na casa em construção. Os raptores estão delirando!

Os três despediram-se de Gino e saíram. A rua, Jaime seguiu para um lado e Leo e Ângela para outro, trocando desejos de boa sorte. Ao chegarem à esquina, a jovem fez uma pergunta que evitara diante dos demais.

– Acha esse negócio perigoso, Leo?

– Se entrevistarmos pessoas inocentes, não. Mas também podemos ir direto para a boca do lobo.

– A boca do lobo? – repetiu Ângela, a quem o medo não tornava menos bela.

– Mas você não é obrigada a ir – lembrou Leo. – Pode me esperar na esquina ou voltar para casa.

Ela respondeu com um sorriso que foi a coisa mais bonita que Leo viu aquela manhã.

– Acha que eu deixaria passar uma experiência como esta? E digo mais – ela acrescentou – gostaria que nossa transa fosse com gente perigosa de verdade.

No fundo era o que Leo igualmente desejava, preferindo que as figurinhas mais difíceis estivessem em sua lista e não na de Jaime, pacato demais para meter-se em aventuras.

MADAME SANTA – MODISTA
VESTIDOS PARA NOIVAS

Madame Santa não iniciava a lista de Leo; escolheu-a porque era o endereço mais próximo da casa de Gino e porque a entrevista, tratando-se duma antiga costureira do bairro, prometia ser breve e divertida, sem causar tensão em sua quase-namorada. Acreditava que era nome para ser logo eliminado como insuspeito.

A modista morava numa residência-ateliê cuja cor já fora dum vermelho berrante nos bons tempos. Como muitas casas do Bexiga, tinha um portão de ferro, onde se lia a tabuleta de sua profissão, e três janelas, a grande no centro ladeada por duas individuais. No alto da janela maior havia uma rosácea com uma inscrição entalhada: 1904. Antigamente era hábito dos construtores gravarem o ano em que concluíam o trabalho.

Leo entrou com Ângela pelo portão, subiu alguns degraus de cimento, passando entre latas com folhagens, e foi bater à porta enquanto a moça insistia em encontrar uma campainha.

Não precisaram esperar muito para que uma senhora de mais de sessenta anos, cabelos tão brancos como se pintados dessa cor, e duas manchas escarlates nas faces, formando um contraste engraçado, alta e

Ângela, a partir da tabuleta, até pagaria para ver o ateliê.
Modista especializada em vestidos de noiva...

robusta, aparecesse à porta com a cordialidade comercial de quem aguarda fregueses.

– A senhora é madame Santa? – perguntou o rapaz.

– Vamos entrando – ordenou a modista abrindo espaço para que os dois passassem.

Ângela, a partir da tabuleta, até pagaria para ver o ateliê. Modista especializada em vestidos de noiva era profissão que desconhecia. Por isso abriu bem os olhos disposta a fotografar com nitidez tudo que visse. Preparava-se para divertir-se.

O ateliê era uma sala ampla, a da frente, onde os manequins, em semicírculo, exibiam vestidos de noiva de variados estilos, com seus longos véus e grinaldas. Ângela logo observou que os modelos, pendurados há muito tempo, estavam todos sujos. Além dessa exposição, havia ali uma histórica Singer, antiqüíssima máquina de costura. As cortinas das janelas, dum voal encardido e esburacado, pelo desmazelo e péssimo estado combinavam com um jogo de poltronas, de vísceras de algodão à mostra, onde madame acomodava a rara freguesia.

Angela, mais que Leo, atenta a tudo, fixava o olhar no lustre da sala, em completa decrepitude, nas paredes que misturavam cores desbotadas e no tapete, ainda felpudo, que no momento da compra devia ter sido um artigo valioso. Mais tarde, a moça diria que até o ar que ali se respirava era velho.

– Qual é a data do casamento, noivinha? – perguntou madame Santa, acreditando que apesar da idade estava ali um casal de fregueses. E sem esperar resposta, apontando seus manequins, pôsse a tagarelar como uma matraca. – Vocês vieram ao lugar certo, desde moça que só faço vestidos para noivas. Sou a única modista da cidade que tem essa especialização. Posso assegurar que fiz vestidos para todas as mulheres que se casaram neste bairro e nenhuma teve motivo de queixa. Conheço bem meu ofício e estou sempre a par da evolução da moda. Sou velha mas acompanho os tempos. Tenho uma grande coleção de figurinos estrangeiros – disse com orgulho apontando num canto da sala uma

pilha de revistas desbeiçadas. – Eles estão aí no chão, jogados, mas já encomendei ao marceneiro uma pequena estante. Não reparem. Mas vamos ao que interessa: quando é o casamento?

Ângela sorriu e, depois dum breve olhar para Leo, respondeu com pena de decepcionar a velha modista:

– Ainda nem completei dezesseis anos, madame Santa, sou nova demais para casar, mas se um dia ficar noiva virei procurar a senhora correndo.

– A senhora é uma grande artista – aduziu Leo para ganhar simpatia.

– Obrigada, mas o que vieram fazer aqui?

Leo ia abrir o jogo, porém Ângela saiu-se com uma explicação inesperada.

– Vim por causa dum trabalho do colégio. Leo está apenas me acompanhando.

– Que trabalho?

– Trata-se duma prova para alunas que pretendem cursar jornalismo. Estou entrevistando as pessoas mais antigas e importantes da Bela Vista, e a senhora é uma delas. Já entrevistei um vereador, o diretor de um dos teatros e o proprietário de uma cantina.

Madame Santa, que já dera entrevista à televisão a respeito de sua especialidade, mostrou-se feliz por ter sido lembrada e, sentando-se e fazendo os jovens sentarem-se, contou que morava naquela casa há cinqüenta anos, quando todos se conheciam no bairro e as famílias, nas noites enluaradas, colocavam cadeiras na calçada para conversar. Falou dos saborosos pães italianos de antigamente, do leite de cabra, extraído na hora, que se vendia de porta em porta e dos velhos e barulhentos bondes. Em seguida enumerou as noivas mais ricas ou ilustres que passaram pelo ateliê, das quais guardava fotografias. Mas, à medida que falava do passado, saudosa, seus olhos ficavam distantes e úmidos – ela ia parecendo mais velha.

Leo apreciou aquela pequena lição de História, e chegou a comover-se com as recordações de madame Santa. Concluiu que nenhuma relação poderia haver entre a modista sexagenária e o rapto do

Garoto de Ouro. Tão certo disso, levantou-se.

Sua quase-namorada continuou sentada e com uma pergunta a fazer.

– A senhora já sabe que Alfredo Carlucci, o Garoto de Ouro, que mora aqui no bairro, foi raptado?

– Sabia – foi a resposta seca.

– Conhecia Alfredo?

– Vi ele uma vez – disse madame Santa, já se levantando, com pressa de terminar a conversa que até ali lhe agradara bastante.

Leo e Ângela ficaram surpresos com a brusca atitude da costureira, que se encaminhava para a porta, a passos decididos, com urgência de vê-los pelas costas só porque fora mencionado o rapto que todos os jornais noticiavam.

Madame Santa ia abrir a porta e despedir-se, provavelmente com a mesma secura e cara feia, quando Leo perguntou:

– A senhora tem idéia de quem poderia ser o raptor?

Somente Leo e Ângela seriam capazes de descrever o olhar fulminante que a costureira lhes dirigiu. E não apenas o olhar, abriu a boca como se desejasse abocanhá-los.

– Eu? Por que eu, mocinho? Por acaso pertenço à polícia? Vá fazer essa pergunta ao delegado e não a uma modista. Agora, por favor, se retirem que tenho meus afazeres.

Apesar do pedido, que era uma ordem, Leo não se moveu do seu lugar, intrigado com a súbita reação de madame Santa.

– Pergunto por um motivo.

– Que motivo, posso saber?

– O raptor de Alfredo deixou cair uma agenda.

– E eu com isso? – indagou a mulher, ainda mais furiosa.

– Nessa agenda há alguns nomes e endereços – disse Leo tentando manter a calma para que não parecesse brincadeira de jovens. – Alguns apenas. E entre eles está o seu.

O olhar de fúria foi destravado dando lugar a um olhar de nada, vazio e sem significado.

– Meu nome? Na agenda do raptor?

Quem falou agora foi Ângela, que se sentia como quem.

– Sim, e, com bastante nitidez.

Madame Santa, ao ouvir isto, perdeu toda a agressividade e começou a afrouxar, como um saco de farinha que alguém furasse por baixo, esvaziando-o. Suas pernas perderam a consistência e a volumosa mulher desabou, felizmente a tempo, numa de suas gastas poltronas. Mesmo sentada, precisava de apoio. Leo segurou-a, usando seu próprio corpo como estaca, enquanto Angela corria para o interior da casa à procura de água. Momentos depois a moça já voltava com um copo de plástico azul, cheio até em cima, que ambos tiveram de despejar desajeitadamente pelas goelas da costureira.

A recuperação de madame Santa demorou longos cinco minutos, e ainda assim continuou pálida e sem forças para levantar-se.

– Acho que já estou melhor – disse. – Podem me largar. Não vou cair.

Leo e Angela concederam-lhe ainda mais alguns minutos antes de fazerem nova pergunta, já bastante direta.

– Então a senhora sabe quem é o raptor?

– Se eu estou na agenda dele, ele me conhece, mas não sei de quem se trata.

– Mas por que seu nome estaria na agenda? Pense um pouco. Talvez seja um amigo seu. Algum deles já teve passagem pela polícia ou seria capaz de raptar uma pessoa? Nem sempre podemos escolher nossas amizades.

Madame Santa olhou o rapaz e a moça como se estivesse num confessionário. Assumiu um ar suave de quem pede compreensão. Tinha algo para contar porém um pouco embaraçoso. Até a voz que fabricou para a ocasião era muito diferente.

– Vocês são muito jovens e ainda não conhecem o mundo. Uma senhora como eu, solteira, que vive nessa casa sozinha, há muitos anos,

às vezes se sente solitária e precisa se relacionar para não morrer de tédio. As vezes convido uma ou outra pessoa para vir até aqui, ouvir minhas histórias e me fazer companhia. Entendem o que quero dizer? São amizades passageiras, gente que não se chega a conhecer bem. Algumas querem apenas favores. Fingem que gostam de mim. Tudo falso. Muitas vezes até os próprios nomes.

Leo e Ângela entreolharam-se. Valia a pena perguntar mais coisas? A moça chegou bem perto da modista e passou-lhe a mão nos cabelos brancos carinhosamente. Comovia-lhe ver uma mulher, naquela idade, tão só e necessitada de contato humano.

– Já vamos indo, madame Santa – disse.

– Se conhece alguma moça que está para casar, de meu endereço – pediu a costureira. – Não tenho tido muitas freguesas ultimamente. Não sei por quê. Meus vestidos são tão bonitos, não acha?

– São lindos – confirmou Angela, olhando os manequins.

A saída, madame Santa já de pé, acompanhando os visitantes, Leo fez a ultima pergunta, espontaneamente, sem planejar.

– Não vi a senhora na festa que iam dar para o Garoto de Ouro. Por que não foi à cantina?

A modista, outra vez firme sobre as pernas, tornou a fazer uma carranca, como se picada por uma abelha invisível, e retrucou num sonoro tom de voz para não deixar dúvida:

– Não iria de forma alguma. Gosto muito do pai de Alfredo, seu Domingos, mas sua mãe eu detesto.

Leo e Ângela apertaram-lhe a mão fofa e fria, desceram os degraus e saíram para a rua. Foram andando, sem fazer comentários, até a esquina, onde a moça parou e disse:

– Ela quase me fez chorar.

– Uma pessoa assim, sozinha no mundo, dá pena, mas por que será que tem tanto ódio da mãe de Alfredo? O que dona Bela lhe teria feito?

Alguma coisa que merecesse vingança?

Era uma pergunta que Ângela não podia responder mas devia haver uma resposta.

CÃES COM OU SEM PEDIGREE
PROPRIETÁRIO: MARINO BATAGLIA

Enquanto se dirigia em seu trombado Corcel para o canil de Marino Bataglia, nome que constava de sua lista, extraído da agenda verde, Jaime lembrava-se de tê-lo visto na cantina, onde se prestaria a homenagem ao Garoto de Ouro, e também na residência dos Carlucci, logo em seguida. Sabia que o magricelo e sempre esfomeado Marino, que já se metera em encrencas com a polícia, por ter falsificado pedigrees, visitava com freqüência os Carlucci, principalmente aos domingos, para filar suas macarronadas. Embora tivesse nascido no bairro, e já ha uns dez anos negociasse com cachorros no mesmo local, adquirira uma popularidade negativa devido a trapaças e bebedeiras.

O canil de Marino era uma casa com um grande quintal dividido em boxes de alvenaria, de diversos tamanhos, onde viviam os cães, separados por raça, sexo e ninhada. Ao simples aparecimento dum estranho, todos começavam a latir e aí somente o Marino, que parecia controlá-los eletronicamente, era capaz de acalmá-los com um grito ou batida de pé.

Havia sempre no canil de Bataglia alguns cachorros de raça, como pastores, dálmatas, perdigueiros e bassês, mas eram na maioria animais encontrados nas ruas ou salvos da morte depois de laçados pelas carrocinhas da Prefeitura. Diziam que Marino costumava freqüentar esses depósitos de cães perdidos, escolhia os de melhor aparência, e

apresentava-se como dono, pagando uma pequena taxa. Uma boa ação que lhe rendia dinheiro. Já o tinham acusado também, isso era mais grave, de roubar cães de pedigree para vendê-los em seu canil. Mas, pouco se importando com o que se dizia a seu respeito, ia vivendo, bem ou mal, exclusivamente do seu negócio.

Encontrando o portão aberto, Jaime foi entrando até o quintal, pois sabia que era lá que Marino passava a maior parte do tempo. Chegou no momento em que fazia mais uma venda, um pastor, que o proprietário duma padaria comprava para a guarda do estabelecimento. Jaime ficou por ali, à espera, ouvindo o som constante duma serra proveniente duma serraria próxima.

Depois de enfiar no bolso o dinheiro ganho, enquanto o comprador se afastava com o pastor, fazendo-lhe agrados para conquistar-lhe a confiança, Marino aproximou-se de Jaime como se a presença dele ali o desagradasse ou o assustasse.

– Veio comprar um cachorro? – perguntou o dono do canil, com voz rouca, de resfriado.

– No prédio onde moro é proibido ter animais de quaisquer espécies – disse Jaime. – E mesmo se não fosse assim, acho até pecado trancafiar um cachorro numa quitinete. Animais precisam de espaço, de alguma liberdade, senão sofrem muito.

– Conheço um homem, funcionário público aposentado, que mora numa quitinete com três cachorros.

– A vizinhança não estrila?

– Não, porque sabe que ele morreria sem os cães.

– Você morreria sem seus cães? – perguntou Jaime.

– Morreria de fome – respondeu Marino.– Não me afeiçôo a eles porque sou um comerciante. Meu negócio é comprar e vender cachorros.

Jaime interrompeu o diálogo com uma pausa para ensaiar naturalidade.

– Marino, aqui entre nós, você desconfia de alguém que esteja envolvido no rapto do Alfredo?

– Marino, aqui entre nós, você desconfia de alguém que esteja envolvido no rapto do Alfredo?

O dono do canil fez a cara de quem ouvisse uma ofensa dirigida a ele ou a alguma pessoa de sua família. Pequeno, cresceu quase um palmo, devido à súbita irritação.

– Desconfio de ninguém. Não me dou com delinqüentes. E se desconfiasse já teria ido à polícia. Mesmo se fosse meu melhor amigo.

– Calma! – pediu Jaime, batendo-lhe no braço. – Nem sempre um rapto assim é feito por profissionais. E também ninguém corre à polícia por causa de mera desconfiança. Fiz uma pergunta absolutamente normal. Você, que mora neste bairro desde que nasceu, podia suspeitar de alguma pessoa.

Marino diminuiu de tamanho alguns centímetros mas continuou sob o impacto duma ofensa.

– Eu que moro neste bairro! Como pode garantir que o raptor também é daqui?

Jaime não pretendia ir falando da agenda mas tinha de explicar a pergunta.

– O raptor ou os raptores, sei lá, deixaram cair uma agenda de endereços na casa dos Carlucci, que está com um amigo de Alfredo. Todos os nomes e endereços são de pessoas aqui da Bela Vista, o que faz supor que ele ou eles também sejam. Como vê, não fiz uma pergunta besta.

Marino voltou ao seu tamanho normal.

– Quem são essas pessoas?

– Não estou autorizado a dizer os nomes. A não ser um – concluiu Jaime olhando Marino com firmeza e observando que agora ele, que crescera, começava a baixar de estatura.

– Quem? – perguntou Marino com mais angústia do que curiosidade.

Jaime teve de esperar que os cães parassem de latir, pois por um motivo qualquer todos haviam se agitado ao mesmo tempo. Bataglia bateu o pé, o canil silenciou como se alguém desligasse um rádio e por um instante só se ouviu o ruído arrepiante da serra.

– Você é uma delas – disse Jaime, esperando que Marino exigisse confirmação "Eu?", mas isso não aconteceu. – Seu nome está na agenda. O raptor conhece você, amizade. E você também o conhece.

Talvez sejam amigos do peito. Alguém que vem a seu canil, que toma cerveja com você no bar, que freqüenta a Sociedade dos Amigos do Bairro. Comece a pensar, baixinho. Ponha essa cuca a funcionar. Você pode dar a dica para a prisão dos raptores.

Marino, pelas reações ou ausência delas, não parecia disposto a colaborar, a dar a sua ajuda. Suas preocupações eram outras.

– Vocês vão entregar a agenda à polícia?

– Sim, se não descobrirmos nada.

Bataglia moveu-se, foi andando entre os boxes dos cachorros, dispostos de ambos os lados do quintal. A medida que passava, os cães sacudiam os rabos ou punham-se de pé de encontro às grades protetoras de suas casas. O dono do canil aparentemente observava se não faltava água a nenhum deles, porém seu pensamento estava longe. Terminada a revista, foram para o interior da moradia, sentaram-se à cozinha, onde Marino tirou uma cerveja da geladeira. Encheu dois copos e sentaram-se.

– Estou sempre metido em encrencas – disse.

– Que encrencas, baixinho?

– Me acusam de falsificar pedigrees, de roubar cachorros, de vender cães alheios, os cambaus. Dizem que sou briguento e só por causa disso já fui mil vezes à delegacia. Tudo mentira, tudo xaveco. E agora posso até ser acusado de estar envolvido no rapto do Garoto de Ouro.

Jaime encheu o copo de Marino na esperança de que falasse mais.

– Acha que sim?

– Não ando com muita sorte – lamentou-se Marino. – Essa maldita agenda pode me complicar.

O sócio de Leo farejou aí alguma pista.

– Apenas por que seu nome está nela?

Não era apenas por causa disso, demonstrou a cara de Bataglia ao esvaziar o terceiro copo.

– Se a polícia me apertar vou ter que abrir o bico. É isso aí.

Jaime sentiu que a conversa esquentava, mas não exagerou seu interesse nem alterou o tom de voz.

– Então você sabe quem é o cara?

– Não sei – respondeu o outro, prontamente.

– Se não sabe, por que temer a polícia? Basta se plantar.

O baixinho precisou abrir outra cerveja e tomar às pressas mais um copo para continuar dizendo o que sabia.

– Eu não sei quem é ele – reafirmou como quem fala a verdade – mas outra noite, numa cantina, a Roperto, uma pessoa me disse que alguém a tinha convidado a participar dum rapto. Algo que ia render por baixo uns dez milhões.

– Quem mais ouviu isso? perguntou Jaime, agora mais evidentemente interessado.

– Ninguém. Estávamos apenas nós dois na mesa.

– Será que falou do convite a mais alguém?

– Suponho que não, porque era muito confidencial.

– Ela disse que o raptado seria o Garoto de Ouro?

– Não, Jaime, mas disse que era um conhecido nosso.

Jaime sentiu que pisava na pista. Restava apenas saber o nome desse que teria sido o sócio do raptor. Antes de fazer a pergunta decisiva, fez outra para amaciar ainda mais o dono do canil:

– Ela não teria voltado atrás, e participado do rapto?

– Não – respondeu Marino vivamente. – Posso garantir que ficou de fora.

– Como pode ter tanta certeza?

– Porque foi uma das primeiras pessoas a chegar à cantina ontem à noite, mesmo antes dos pais de Alfredo. Não poderia de forma alguma ter participado.

Aí Jaime mostrou certa impaciência. Terminando a representação, perguntou:

– Não vai me dizer o nome dessa pessoa?

– Acho que não devo.

– E se o menino morrer, se o raptor matá-lo, você não vai sentir a consciência pesada? E mais que isso, baixinho, poderá ser processado e condenado por sonegar informações.

Marino ia tomar outro gole mas fez o copo repousar na mesa. Jaime estava certo. Se houvesse morte poderia se complicar, ele já tão encrencado com a polícia. Precisava evitar novos encontros com o

delegado para limpar sua barra.

– Vou dizer quem é ele, Jaimão. Mas só pra você. Depois fecho o zíper.

– Estou ouvindo.

– O cara é seu faixa.

– Quem é?

– Você vai cair pra trás: o salsicheiro.

– Enrico, aquele bolha, convidado para um rapto?

– Ele mesmo, o Enrico. Anda sem dinheiro, a perigo, por isso devem lhe ter feito o convite.

Jaime teve uma lembrança, tirou a lista do bolso e conferiu:

– Aqui está ele! Também na agenda do raptor. Tchau, Marino, e obrigado pela dica.

– Vai falar com ele?

– Agora mesmo, mas tentarei não envolver você.

Bataglia sem dizer mais palavra viu Jaime levantar-se e sair pelo quintal quando os cães voltaram a latir. Então levou novamente o copo à boca e esvaziou-o num só gole. Depois, teve um acesso de tosse.

CÂMERA LENTA

Após forçar inutilmente a janela de seu quarto-presídio, Alfredo voltou a ter fome e comeu um pedaço de queijo branco, sentado na estopa, enquanto ouvia, distantes, latidos de cães e o som metálico da serra. Não apenas para preencher o tempo, mas porque era também uma necessidade do momento, pôs-se a lembrar da breve e violenta cena de seu rapto, quando, já tendo se arrumado, saiu do quarto e foi para a sala, levando a guitarra, a caminho da cantina.

Revivia, porém, a cena em câmera lenta, como já vira tantas vezes no cinema e na televisão, fotograma por fotograma, na tentativa de

identificar a pessoa que o atacara. Lembrou-se da janela entreaberta, da cadeira caída, dos passos no corredor e do cheiro forte do anestésico.

O homem, protegido pela penumbra da sala, vestia uma capa preta, leve e brilhante, dessas especiais para chuva, e tinha na cabeça um chapéu ou capuz também preto, bastante amassado. Sim, capa e chapéu pretos e impermeáveis. Um conjunto igual ao que Heitor, o braço-de-ferro, tentara vender a seu pai num de seus momentos de apuro. Procurou rever a máscara, em nova exibição em câmera lenta, e concluiu que não se tratava de máscara mas dum lenço preto, meio solto, enfunado, cobrindo todo o rosto, menos os olhos. Quanto à sua altura, dado importante, Alfredo não conseguia calcular porque o agressor caminhara em sua direção com os joelhos dobrados, como um orangotango, e muito depressa. Que era forte, bem mais gordo que magro, a câmera não deixava dúvida, por isso preferira golpeá-lo com a guitarra a atracar-se com ele. Demorou-se, em seguida, em ver e reviver justamente o instante da guitarrada, com todas as forças concentradas nas mãos, como fazem os golfistas, tendo sido tão bem-sucedido naquela reação que por um relâmpago acreditou tê-lo derrotado. O homem de preto baixara ainda mais, cambaleara, recuara até a parede, onde se apoiara por uma fração de segundo. Alfredo voltou-se, viu pelo corredor a porta da rua, e chegou a dar passos em sua direção quando, talvez num salto, o raptor alcançou-o, agarrando-o pelos ombros. A seqüência seguinte foi ainda mais confusa porque no corpo-a-corpo Alfredo via ainda menos como se lutasse com um fantasma, que de humano tinha só a respiração descontrolada. No entanto, lutou com desespero até que o lenço narcotizado fez cessar sua resistência.

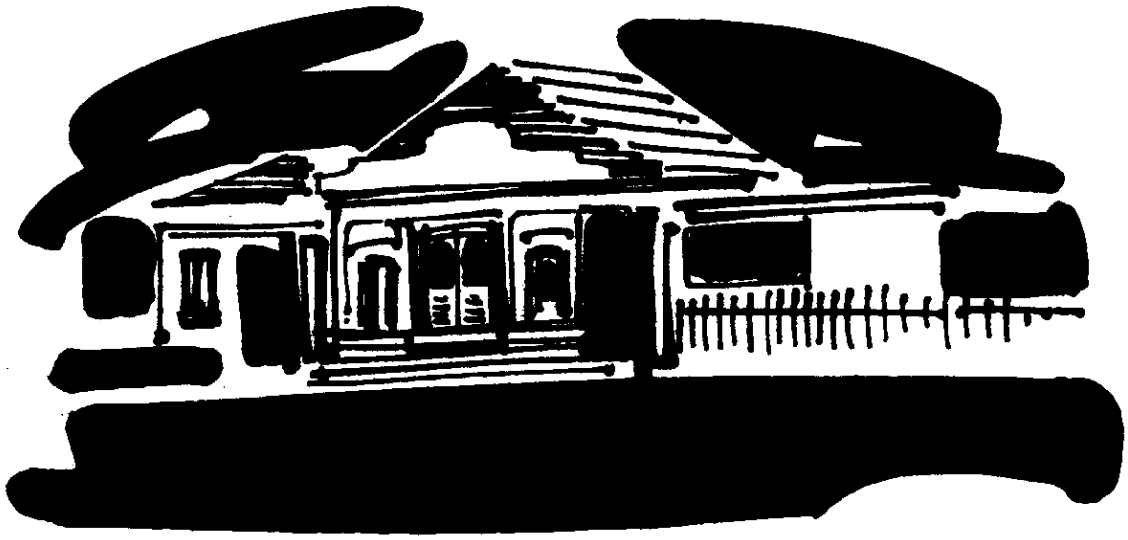
Ali, sentado, a comer queijo, o Garoto de Ouro pensava em quem seria aquele homem. Parecia-lhe que agira sozinho e que a cautela em cobrir-se de preto revelava tratar-se de pessoa conhecida, receosa de ser identificada. E essa preocupação em não mostrar-se prosseguia ali no quarto, onde o raptor deixara água, refrigerantes e alimentos para não ser forçado à nova aparição. Releu o recado: “BASTA UM GRITO E SERÁ AMARRADO E AMORDAÇADO”, escrito à máquina, em fita

vermelha, mas ele não fornecia nenhuma pista, ou possibilidade de identificação.

"Apenas sei que estou preso numa casa abandonada", pensou Alfredo, do que tinha certeza devido à falta de luz e água encanada, "e desconfio de que ela está situada em meu próprio bairro." Isso era tudo. Seu pensamento em seguida transferiu-se para seus pais, para a nona, para o empresário Lazzari e pôs-se a calcular como deviam estar aflitos com seu desaparecimento. Já ouvira dizer, talvez do próprio Lazzari, que a fama tem também seus inconvenientes, mas jamais imaginara o seqüestro como um deles.

Ouviu passos no interior da casa. Encostou o ouvido à porta. Se fossem de muitas pessoas talvez o tivessem encontrado, mas, não, eram de um homem só. Esperou que o raptor dum momento para outro abrisse a porta. Isso porém não aconteceu. Depois dum vazio, sem ruídos, os passos retornaram, distanciando-se.

"Parece que ele só veio buscar alguma coisa", pensou Alfredo. "Mas buscar o quê?"



UMA FRUSTRADA VISITA AO SALSICHEIRO

Jaime não pôde entrar na casa de Enrico porque havia muita gente no portão e devia dar passagem ao médico e enfermeiro duma ambulância que acabara de estacionar. Perguntou a uma pessoa ao lado o que havia acontecido, mas nem ela nem outras às quais fez a pergunta

souberam responder. Excitado, Jaime afastou os curiosos diante dele e a passos largos, num ímpeto, passou pela porta, subiu um lance de degraus e entrou na residência do salsicheiro, onde, há muitos anos, sem licença e sem pagar impostos, Enrico trabalhava para as cantinas e padarias do bairro.

À sala, desnorteada, andando dum canto a outro, Jaime encontrou dona Mina, irmã e sócia de Enrico, que chorava sem coragem de ir até a copa, onde o corpo fora encontrado. Entre soluços, descabelada, sem poder controlar-se, só conseguiu repetir o nome do irmão e dizer:

– Encontrei ele caído lá dentro, o Enrico, o coitado do Enrico.

– O que foi, o coração? Um enfarte?

Ela passou a mão na própria cabeça:

– Arrebentaram os miolos dele... Está todo ensangüentado.

Jaime correu para a copa a tempo de ver o médico e o enfermeiro o colocarem na maca.

– Sou um amigo da família – foi dizendo Jaime. – O que houve com Enrico?

– Levou uma terrível pancada na cabeça.

– Quem fez isso?

– Algum assaltante – supôs o enfermeiro.

Jaime olhou para Enrico, já na maca, e entendeu por que Mina não se encorajava a ir à copa. A cabeça do homem, bem como seus ombros e parte dos braços, estavam cobertos de sangue. Havia sangue também nos ladrilhos, nas paredes e na porta entre a copa e a cozinha. Jogada no chão, Jaime viu a provável arma do crime, um pedaço de madeira curto e maciço, torneado, algo parecido com adornos usados em casas antigas, nos corrimões ou no alto das portas. Devia pesar muitos quilos.

– Ele está vivo? – quis saber Jaime.

– Está, mas pelo jeito tem fratura no crânio – disse o médico transportando a maca com o enfermeiro.

Gente Fina, ajudante de Enrico, apareceu.

– Você vai com seu patrão? – perguntou Jaime.

– Não, vai seu Américo, o vizinho. Preciso ficar para receber a polícia.

– Viu quem foi, Gente?

– Não, foi dona Mina que me mandou chamar. Quando entrei já estava essa sangueira toda.

– Enrico falou?

– Estava sem sentidos.

– Quanto roubaram?

Gente Fina abriu uma gaveta dum velho móvel da copa cuja parte superior estocava as salsichas e lingüiças.

– O dinheiro está todo aqui.

A gaveta, rasa, estava cheia de cédulas, a maioria de pouco valor, mas tão numerosas que o empregado a abriu e fechou com vagar para evitar que caíssem.

– Será que o ladrão não viu? – perguntou Jaime. – Era só abrir e pegar.

Gente Fina balançou a cabeça:

– Acho que não foi para roubar. O patrão não tinha inimigos, mas está me cheirando outra coisa.

Para Jaime o cheiro também era outro. E ele sabia de quê. Então, com receio de que a polícia o detivesse ali, dirigiu-se ao Centro Recreativo, passando, à porta, por um número ainda maior de curiosos.

O SEGUNDO "OLÁ" DO RAPTOR

Leo e Ângela, sentados no Salão de Leitura do Centro Recreativo, viram quando Jaime chegou para a computação dos primeiros resultados das entrevistas. Na sala ao lado, onde se desenvolvia o campeonato juvenil de xadrez, Gino enfrentava seu segundo adversário,

um garoto ruivo, de olhar inteligente, que se sentara à mesa certo de que se levantaria vitorioso.

– Já falaram com Gino? – perguntou Jaime.

– Falamos antes do começo da partida – disse Leo. – Contamos a ele nossa visita à dona Santa, a modista.

– Acham que ela tem algo a ver com a história?

– A Santa odeia a mãe de Alfredo – respondeu Leo – mas com o rapto não tem a menor ligação.

– E você, Jaime? – quis saber Ângela.

Jaime engoliu em seco:

– Acaba de acontecer uma coisa terrível. Mas quero contar quando Gino acabar a partida.

Os três passaram, em seguida, para o salão do campeonato, onde, num silêncio absoluto e apreensivo, doze enxadristas digladiavam-se. A esta altura o garoto ruivo, que se debatia com Gino, já perdera sua altivez e o olhar não era mais tão inteligente. Pelo contrário, fitava as pedras do tabuleiro com algum desamparo, e a mão, solta no espaço, vacilava entre mover a dama ou a torre. Quando era a vez de Gino, seus lances pareciam atingir o adversário como golpes de esgrima, ferindo-o e encurralando-o a cada movimento.

Afinal, como se fizesse um breve comentário meteorológico, Gino disse-lhe:

– Não dá para fugir, é xeque-mate.

E como já vira Leo, Ângela e Jaime, despediu-se do atarantado competidor, fazendo a cadeira de rodas deslizar suavemente até o Salão de Leitura para saber das novidades.

– Jaime tem algumas notícias quentes – informou Leo.

– Quem você foi visitar, Jaimão?

– Marino Bataglia, o dono do canil. A princípio ele se fechou em copas mas acabou se abrindo – disse Jaime. – Vou contar tudo como foi.

Com muita fidelidade, Jaime reproduziu toda sua conversa com Marino até a dica sobre Enrico, o salsicheiro, que merecia uma pausa, um suspense. Depois contou o resto, sua chegada à salsicharia, a

ambulância na porta, e o estado em que foi encontrar o pobre Enrico, boiando em seu próprio sangue.

– Isso prova que ele sabia quem é o raptor – deduziu Gino. – Disse sabia porque talvez já esteja morto, não?

– Morto ou impossibilitado de falar por muito tempo – garantiu Jaime.

– Precisamos fazer-lhe uma visita no hospital – disse Leo.

– Eu só terei minha terceira partida à tarde – informou Gino. – Temos tempo de sobra para dar um pulo à casa de Alfredo. O raptor talvez já tenha se comunicado outra vez. Vamos até lá.

Manobrando com habilidade sua cadeira, Gino seguiu à frente dos demais. Apenas para atravessar a rua precisou do auxílio de Leo e Jaime, mas logo, sobre a calçada, retomou seu ritmo apressado, pois pressentia que o homem que arrebentara a cabeça de Enrico já devia ter dado outro lance naquela partida muito mais emocionante que as disputadas no campeonato.

Ao entrarem, os quatro, na casa do Garoto de Ouro, havia lá um alvoroço causado pela chegada da segunda mensagem, que ia de mão em mão, passando pelo pai de Alfredo, pelo diretor da gravadora, por Lazzari, por um investigador e demais amigos da família. A carta desta vez fora deixada na caixa do jornal do bairro e trazida urgentemente por um dos redatores. Batida à máquina, como a primeira, em fita vermelha, dizia: "SE NÃO CONSEGUIREM OS DEZ MILHÕES, O GAROTO DE OURO MORRERA SEGUNDA-FEIRA À MEIA-NOITE".

Seu Domingos, que envelhecera alguns anos desde a noite anterior, afundado numa poltrona, repetia:

– Mas eu não tenho esse dinheiro, eu não tenho esse dinheiro...

Enquanto o investigador informava que a polícia estava desenvolvendo os maiores esforços, embora ainda sem obter resultados, Gino aproximou-se do redator.

– O raptor telefonou para o jornal?

– Telefonou, sim, avisando que a carta estava na caixa, que é logo à entrada – informou o jornalista.

– Como era a voz dele?

– A voz dela você quer dizer. Quem telefonou foi uma mulher.

– Uma mulher?! – exclamaram ao mesmo tempo Gino, Leo e Angela.

– Era voz de mulher velha – acrescentou o redator – mas só falou o suficiente.

– Então são dois raptores – murmurou Leo.

– Ou mais – aventou Ângela, que já aprendia com os amigos a raciocinar como detetive.

– Por isso que pedem tanto dinheiro – foi a conclusão lógica de Jaime.

Gino, com os olhos voltados para as pontas dos pés, era quem menos falava. Qualquer palavra apenas servia para aumentar o alarido e a balbúrdia dos que entravam e lançavam perguntas, ávidos de informações. O importante para ele era saber se Enrico poderia ou não falar.

– Vamos telefonar para o hospital – disse aos amigos.

Podem deixar, vou às Clínicas – prontificou-se Jaime. Eu e o salsicheiro somos velhos amigos. Se puder abrir a boca, falará para mim.

– Então vá depressa – rogou Gino. – Se conseguir que ele fale, telefone ao Centro Recreativo, para onde vou voltar. E vocês – acrescentou dirigindo-se a Leo e Ângela – continuem as entrevistas, Tenho muita fé nessa agenda. Acho que ela acabará nos levando aos raptores.

– Pode ir comigo para mais uma entrevista? – perguntou Leo, para quem a companhia de Ângela era a única compensação de toda aquela correria e angústia.

– Meus pais viajaram neste fim de semana como sempre – disse Ângela. – Por isso, posso chegar mais tarde. Rita, a empregada, não dirá nada a eles, se me atrasar um pouco.

Jaime foi o primeiro a entrar em ação, muito apressado, correndo para o hospital. Mais tarde, Leo e Ângela levaram Gino de volta ao Centro Recreativo, onde teria de jogar com um adversário mais forte que os anteriores e sem poder concentrar-se exclusivamente na partida.

Como esquecer que sobre seu amigo Alfredo pesava a ameaça de assassinato? E o homem que golpeara a cabeça de Enrico não estava para brincadeira.

Pelo caminho os três falaram pouco. A voz feminina do segundo raptor viera complicar as coisas e o prazo para o pai de Alfredo conseguir o dinheiro também. Leo chegou a sugerir que se entregasse a agenda verde à polícia. Gino opinou que eles estavam cooperando com ela, embora sem sua autorização. Afinal as entrevistas já haviam dado algum resultado. Jaime chegara perto do raptor. Se tivesse podido apertar o salsicheiro a tempo, a partida estaria ganha.

– Vamos insistir. Alguém da lista pode nos dar uma boa pista. Não desanimem.

– Voz de mulher – lembrou Angela. – Tem outra mulher em nossa lista?

– Não, a segunda e última mulher da agenda, Laura Ferrucci, está entre os entrevistados de Jaime.

– Mas ela esteve ontem na cantina – disse a moça.

– Marino Bataglia também esteve – retrucou Leo – e ele quase nos conduz aos bandidos.

Leo consultou a lista. Estavam próximos do hoteleco onde morava o próximo entrevistado.

O CAMPEÃO DE BRAÇO-DE-FERRO

Leo e Ângela foram procurar Heitor Salvattore, o campeão de braço-de-ferro do bairro, grande jogador de bocha e cantor de cançonetas napolitanas, que apesar dessas três habilidades era por todos considerado apenas um vagabundo. Heitor, é claro, repelia essa desairosa classificação dizendo que embora não tivesse emprego fixo trabalhava bastante fazendo pequenos serviços, biscates, especialmente

para donas-de-casa da Bela Vista. Sempre que se precisava de alguém para fazer força, trocar móveis de lugar, carregar malas pesadas ou subir em telhados para substituição de telhas ou antenas, Heitor era imediatamente lembrado. E o próprio braço-de-ferro era um esforço remunerado. Quando fincava seu cotovelo na mesa dum bar havia uma refeição, uma cerveja ou alguns trocados em jogo. Como cançonetista não era profissional mas habitualmente lhe davam algum dinheiro para cantar em festas familiares, clubes ou cantinas. Visível a qualquer hora da manhã, da tarde e da noite, Heitor Salvattore podia gabar-se de ser muito popular no Bexiga.

– Heitor não está – disse o gerente ou proprietário do hotel. – Geralmente só vem para dormir. Mas deve estar no bar da esquina.

Leo e Angela agradeceram a informação e saíram rumo ao bar. Realmente Heitor estava lá, sentado a uma das mesas, a jogar braço-de-ferro com um homem louro, muito mais alto que ele, disputa que meia dúzia de fregueses acompanhava com um interesse que se multiplicava a cada instante.

Heitor era um homem de trinta e tantos anos, baixo e encorpado, braçudo e dono duma patola que impunha respeito. Sempre de camisa-de-meia, chamava também a atenção pelas sobrancelhas, fartas e cerradas, e pelo nariz, engraçado de tão grande e grosso. Para um caricaturista Heitor seria um prato cheio.

A batalha braçal não foi longe. O homem louro, que por fogo de palha quase dobrara o braço de Salvattore a princípio, logo começou a ceder e entregou os pontos. Sob risos gerais, levantou-se, jogou uma cédula de cem cruzeiros sobre a mesa e foi para o balcão tomar qualquer coisa gelada.

Leo aproximou-se da mesa e cumprimentou Heitor:

– Olá, campeão! Conhece a Angela?

Heitor, feliz com a vitória, sorriu para os dois, comentando:

– Altura não é documento, não é verdade?

Heitor, feliz com a vitória, sorriu para os dois, comentando:
– Altura não é documento, não é verdade?

– Você nunca foi derrotado, Heitor?

– Já, e por um anão de circo. O nanico quase me quebrou o pulso. Não existe ninguém invencível, garotão.

– Mamãe gosta muito de ouvir você cantar – disse Leo, achando que um elogio sempre facilita tudo.

– Cantar é do que mais gosto. Antes desse maldito rock eu faturava muito com minhas cançonetas. Mas agora o pessoal só quer saber de música barulhenta. Para mim, música que não faz chorar não é boa. – E sem que ninguém lhe pedisse cantou um trecho duma cançoneta chamada Guaglione, reunindo todos os fregueses do bar ao seu redor.

Leo teve de apelar a toda sua paciência e esperar que o bar esvaziasse para tocar no assunto.

– Campeão, você tem idéia de quem poderia ter raptado o Garoto de Ouro?

A essa altura os três estavam sentados e Salvattore fizera questão de pagar um refrigerante para os detetives.

– Por que pergunta isso para mim? replicou, sem nenhuma pausa e olhando fixamente para Leo. – Posso não ser um lavoratore mas também não sou um bandido.

O rapaz tocou-lhe no ombro para tranqüilizá-lo.

– Não estou acusando você de nada, campeão. Fiz a pergunta porque conhece todo mundo e poderia suspeitar de alguém.

Heitor sacudiu a cabeça.

– Infelizmente, não suspeito. Se soubesse de alguma coisa já estaria na delegacia. Sempre fui amigo dos Carlucci. Seu Domingos e dona Bela nunca me negaram uma colher de chá. Em compensação arranjo muito trabalho para ele, quando alguém precisa de marceneiro.

– Acha que o raptor é aqui do bairro?

– Acho.

– Por que, campeão?

– Porque dinheiro causa muita inveja. Ainda outro dia Alfredinho era um menino pobre, que ajudava o pai na marcenaria e brincava aí pelas ruas do bairro. De repente, passou a cantar na televisão, a dar SHOWS, gravar discos e ganhar uma fortuna. Isso deve ter despertado a cobiça de muita gente.

– Há delinqüentes no bairro? – perguntou Ângela.

O homem do braço-de-ferro tinha sobre o assunto idéia formada.

– Assaltantes fichados não sei. Mas ladrõezinhos, os tais pés-de-chinelo, andam aos montes por aí. Até mesmo no meu hotel. Ainda outro dia me roubaram a capa e o chapéu de chuva, presente dum parente da Itália.

Leo olhava para Ângela, hesitando se falava da agenda verde ou não. Falante como era, Heitor, que vivia nas ruas, podia espalhar a história pelo bairro inteiro e prejudicar as investigações deles e de Jaime. Resolveu trabalhar noutra direção.

– Sabe o que aconteceu hoje de manhã ao salsicheiro Enrico?

Aí a reação de Salvattore, homem tão sentimental, foi surpreendente para o casal de jovens detetives.

– Sei, sim, esmagaram a cabeça dele. E quem fez isso agiu muito bem – disse Heitor com maior satisfação que a vitória na queda de braço. – Fui até lá, à salsicharia, ver ele sair de maca com vontade de dar gargalhada.

– Por que, Heitor? O homem pode estar morto!

– Que morra! É o pior caráter do bairro. Vale muito menos que suas lingüiças e salsichas. Mentiroso, hipócrita e fofoqueiro. Quem lhe acertou tinha razões de sobra. Apertaria a mão dele.

– Pode ser que esse caso tenha relação com o rapto – disse Leo como se fosse uma hipótese surgida naquele momento. – Você disse que Enrico é fofoqueiro. Ele deve ter dado com a língua nos dentes.

Heitor ergueu e largou os ombros, desinteressado.

– Isso não sei.

– Ele não esteve na festa do Alfredo – acrescentou Leo, tentando estimular a imaginação do cançonetista.

– Mas não prova nada. Nem vou esquentar a cabeça por causa disso. A polícia que descubra.

Ângela foi a primeira a levantar-se, logo seguida de Leo, e os dois se despediram de Heitor, saindo do boteco.

Depois de andarem alguns metros Leo fez um comentário:

– Muito simpático, esse Heitor.

Ângela olhou para ele, toda apavorada.

– Você não é nada observador, não?

– Por que não?

– Viu a testa dele aqui do lado?

Leo parou, relembrou e disse:

– Vi. Estava arroxeada!

– Assim que a pele fica quando a gente leva um tombo ou uma pancada.

– Acha que pode ter sido a guitarra do Alfredo?

– A mim esse campeão de braço-de-ferro não engana.

– Mas ele estava ontem na cantina!

– Chegou quando íamos à casa de Alfredo, não lembra?

Leo lembrou disso e da insistência de Heitor em ir buscar o Garoto de Ouro no lugar deles, atitude própria de quem pretendia livrar-se de qualquer suspeita.

– Ângela, Gino precisa saber disso. Acho que já temos um grande suspeito. Vamos ao Centro Recreativo.

PEQUENO INTERVALO PARA REFLEXÕES

Ao chegar ao hospital, para onde Enrico fora levado, Jaime encontrou, numa sala de espera, Mina, a irmã do lingüiceiro, Gente Fina e alguns parentes e amigos seus, todos calados e tensos.

– Como ele está? – perguntou, aflito.

– Nada bem – respondeu Mina, com os olhos úmidos e vermelhos.

– Posso falar com ele?

– Ainda está sem sentidos – disse Mina. – O médico está lá.

– Mesmo assim quero vê-lo – declarou Jaime sem esperar aprovação e já abrindo a porta do quarto de Enrico.

Médico e enfermeiro, terminado seu trabalho, já estavam de saída. Pediram ao visitante que deixasse Enrico descansar.

– Vim apenas dar uma olhada nele – tranqüilizou-os Jaime, vendo seu amigo na cama, com a cabeça enfaixada e imóvel. – O caso é grave? – perguntou.

– Amanhã saberemos melhor – respondeu o médico, retirando-se com o enfermeiro.

A sós com Enrico, Jaime aproximou-se bastante da cama, curvou-se e resumiu toda sua ansiedade numa pergunta:

– Viu quem foi, amigo?

O lingüiceiro abriu os olhos; era evidente que não estava em condições de responder.

– Se não viu, pisque os olhos duas vezes.

Enrico, consciente, piscou duas vezes: não vira o agressor.

O visitante tocou-lhe o braço, despedindo-se, e deixou o hospital o mais depressa que pôde.

Mais tarde, no Centro Recreativo, Jaime encontrava-se com Leo e Angela, enquanto Gino, em pouco mais de vinte lances, eliminava do torneio outro adversário, um cabeludo que enfeitava seus dedos com um verdadeiro sortimento de anéis.

– Hoje não jogo mais – disse o enxadrista a seus companheiros. Temos algumas novidades para você – adiantou Leo.

– Vamos até minha casa. Lá vocês me contam tudo – decidiu Gino sem precipitação. Ainda com a cabeça na partida não poderia concentrar-se nas informações.

Já na casa de Gino, depois dum café servido por tia Zula, Jaime falou de sua ida ao hospital. Enrico era carta fora do baralho. A observação de Ângela, porém, referente à mancha arroxeada na fronte de Heitor Salvattore, estremeceu o grupo. O braço-de-ferro, que chegara tarde à festa da cantina, que confessava detestar Enrico e que tinha forças de sobra para dominar uma pessoa, era de fato um forte suspeito.

– Acho que podemos falar dele à polícia – sugeriu Angela.

– Ele pode ser um dos raptores – admitiu Jaime.

– O que diz, Gino? – perguntou Leo, deixando ao primo a última palavra.

– Ainda temos mais nomes da agenda – disse Gino. – E a ameaça dos raptores vence depois de amanhã, à meia-noite.

A decisão de Gino não foi contestada. Ficou resolvido que Leo e Ângela, naquele fim de tarde de sábado, fariam mais uma entrevista, enquanto Jaime visitaria os pais de Alfredo para saber se havia novidades, da parte deles ou da polícia.

Quando os três saíram, Gino abriu um caderno e anotou:

Por que madame Santa odeia a mãe de Alfredo?

Marino Bataglia, ao implicar Enrico, disse tudo que sabia?

Foi mesmo um dos raptores quem arrebentou a cabeça de Enrico?

O ferimento na testa de Heitor Salvattore foi feito pela guitarra de Alfredo?

E mais: fita vermelha de máquina de escrever. Raptores: duas vozes, de homem (rouca) e de mulher.

Enquanto Gino fazia anotações e ordenava o seu quebra- abeças, Jaime estacionava o carro diante da casa dos Carlucci. Dona Bela abriu a porta, pálida e desfigurada. Parecia não ter mais lágrimas para chorar.

– Domingos está com um repórter na sala.

Jaime foi entrando e ficou de pé, na sala, enquanto seu Domingos despedia-se do jornalista, após uma entrevista recortada de lágrimas e negativas. Ele nada tinha a dizer de novo para a imprensa, a não ser a ameaça feita na última mensagem dos raptores.

Quando o repórter saiu, o dono da casa, abraçando Jaime, disse aquilo que mais temia:

– Vão matar o Alfredinho!

– A polícia deve estar trabalhando, e eu do meu lado também.

– Mas se não pegarem essas pessoas, meu filho morre.

– Não pretende pagar o resgate?

Seu Domingos largou-se numa poltrona.

– Pagaria cem milhões, se tivesse.

– Não tem mesmo os dez?

– Quase tudo que Alfredinho nanhou empregamos na construção duma casa. Ele está no início da carreira. Não ganhou tanto assim. O povo exagera muito.

Jaime, vendo o desespero do pai do Garoto de Ouro, pensou um pouco numa solução e propôs:

– Por que não pede um adiantamento ao empresário e à gravadora?

Seu Domingos olhou o amigo fixamente e, depois dum longo silêncio, Levantou-se mais animado.

– Você ajudou a pôr meus pensamentos em ordem, Jaime. Com o que tenho e com um empréstimo de Lazzari e da gravadora creio que posso levantar o dinheiro. A não ser que me neguem.

– Não negarão, num caso de vida ou morte. Além do mais, para eles não será dinheiro perdido.

– É verdade, como você disse, será apenas um adiantamento.

– Talvez nem seja necessário, Domingos, mas vá falar com Lazzari e com o diretor da gravadora. É bom estar com o dinheiro nas mãos.

Dona Bela entrou nesse momento e o marido abraçou-a, confortando-a.

– Nosso amigo Jaime acaba de me Lembrar como devo fazer para arranjar o dinheiro. Fique calma. Alfredinho não vai morrer. Pagaremos o resgate a esses miseráveis.

– Quer que vá com você, Domingos?

– Se puder, agradeço. Nesse estado, nem poderia dirigir.

– Vamos, então. Meu carro está na porta.

RICARDO TOZZI: O COMILÃO

Já anoitecia quando Leo e Angela foram visitar Ricardo Tozzi. Mas, antes de se dirigirem à casa dele, a conselho de Gino, passaram pela pizzaria O Comilão, que apresentava 109 qualidades de pizza, freqüentada por Tozzi todas as noites.

Os dois jovens entraram e logo constataram que o gastrônomo não estava lá, pois é fácil visualizar a presença dum homem de duzentos e dez quilos de peso. Perguntaram de Tozzi ao gerente da casa.

– O gordo não apareceu ontem nem hoje.

– Mas ele vem sempre, não?

– Praticamente mora aqui – respondeu o gerente, sorrindo.

Enquanto seguiam para a pensão de Ricardo Tozzi, onde morava com a mãe, dona lole, e alugava quartos para "pessoas de fino trato", Leo contava a Ângela que o terceiro nome de sua lista tornara-se famoso, não só no bairro como em toda cidade, por ter ganho diversos concursos de gastronomia promovidos por emissoras de televisão, quando devorara um número assustador de pratos de comida cheios e variados. Tozzi ganhava a vida também posando para anúncios e filmes comerciais de TV de marcas de macarrão, molhos e massas de tomate. Ângela lembrou-se, então, de ter visto inclusive em cartazes de rua sua cara larga e corada a ostentar um sorriso tão grande como seu apetite.

– Não acha que será uma visita inútil? – receou Ângela. – Geralmente as pessoas gordas assim não são violentas.

– O Tozzi não parece nenhum delinqüente. Mas seu nome está na agenda, e além de ele não ter ido à festa do Alfredo me intriga um pouco ter sumido da pizzaria. Lá é seu ponto, onde encontra os amigos e fecha negócios publicitários.

Depois de andarem uns quinze minutos, Leo e Angela pararam diante dum casarão de muitas janelas, que o comilão e sua mãe subalugavam de preferência para casais sem filhos, viúvos e solteirões. Leo já estivera lá uma vez com seu pai, pois eram, ele e Rafa, velhos conhecidos. Mas, apesar do antigo conhecimento, nunca o gordo fora

convidado para um almoço ou jantar – o que seria uma temeridade. Não havia comida que chegasse para ele.

Como a porta da rua estava apenas encostada para a entrada e saída constante dos inquilinos, Leo e sua quase-namorada foram entrando. Logo depararam um corredor com muitas portas que se abriam para os quartos de aluguel. O rapaz bateu palmas.

Não tiveram de esperar mais que um instante para que dona Iole viesse do fundo.

– Ah, é você, Leonardo? – exclamou, recebendo-os, a mãe de Ricardo, alta como o filho, mas muito magra e ossuda.

– Esta é Angela – apresentou Leo. – Ela mora aí no Morro dos Ingleses. É minha amiga.

– Vieram visitar o Rico?

– Viemos.

– Como souberam que ele está doente?

Leo não sabia de doença alguma, mas respondeu assim:

– Soube lá na pizzaria. Ele está de cama?

– Está.

– Desde quando?

– Desde ontem, coitado. Venham comigo.

Dona lole introduziu os dois jovens num quarto pequeno e escuro. Ricardo Tozzi, imenso, estava largado numa cama de casado, sobre as cobertas. No criado-mudo, uma garrafa tipo família de um refrigerante. Os olhos da observadora Angela logo se voltaram a uma pequena estante na qual se alinhavam alguns troféus de cobre e latão, conquistados pelo gigantesco estômago do gastrônomo.

– Eles vieram visitar você – disse-lhe dona lole, carinhosamente.

Ricardo Tozzi, com sua cara de lua cheia, sorriu, um tanto surpreso, mas não se moveu da cama.

– Esta é minha amiga Angela – apresentou Leo.

Mas não houve apertos de mão. O gordo, vestindo apenas calça e camiseta, parecia desanimado, sem vida, embora mantivesse aquele sorriso dos anúncios e da TV.

– O senhor está doente? – perguntou a moça.

– Estou – confirmou Tozzi com pena de si mesmo. – O médico esteve aqui. Não entendi direito o que tenho, mas me recomendou um terrível regime alimentar. Terei de comer como um passarinho.

– Até quando, Rico? – quis saber Leo.

– Ele acha que devo emagrecer uns cem quilos! Disse que nunca mais poderei encher a pança e muito menos participar de concursos da gastronomia. Vai ser o meu fim.

– Não diga isso, meu filho – interveio dona lole. – Por que o seu fim? Que exagero!

Ele retomou a palavra, sabendo do que falava:

– O meu fim – repetiu. – Sempre vivi da minha gordura. Se emagrecer, não serei mais chamado para fazer anúncios. Um Tozzi, magro, não interessa a ninguém. Não serei a mesma pessoa. Ficarei esquecido de todos. Me tornarei um homem comum, entendem?

Leo e sua quase-namorada ficaram impressionados com o acento dramático que o comilão dava às suas palavras. Entreolharam-se sem saber fazer comentários.

A mãe de Tozzi foi fazer-lhe carícias nos cabelos, ligeiramente encaracolados.

– Faça esse sacrifício, bambino. É para sua saúde. As banhas estão lhe matando.

Rico pegou a mão da progenitora e beijou-a, depois a soltou como se fosse um colibri.

– Mama, sem anúncios não haverá dinheiro.

– Temos nossa casa-de-cômodos – confortou-o dona lole.

– Mas os hóspedes estão sumindo. Preferem os hotéis. Há meses que alguns quartos vagaram e nada de aparecer gente.

– Vamos pôr um anúncio no jornal.

O gordo, fazendo um grande esforço, sentou-se na cama e alcançou com a mão mole um dos troféus.

– É chato não poder concorrer mais. Este ganhei no ano passado. Concorri com mais vinte glutões. Comi durante cinco horas. Foram

dezoito pratos de talharim, oito frangos, um peru, três saladas completas e nem sei quantas sobremesas. No final sobraram apenas eu e um napolitano. Queriam que houvesse empate. Aí eu disse: não aceito empate. Me tragam uma pizza das grandes. O napolitano arregalou os olhos, levantou-se e falou: esse homem não existe. Dona lole sorriu, com orgulho do filho.

– Você foi o maior gastrônomo de São Paulo. Mas chegou a hora de pendurar as chuteiras. Ordens do médico. – E voltando-se para os jovens: – Vou buscar café.

Rico repôs o troféu em seu lugar e apanhou uma espécie de álbum onde colava as notícias de seus êxitos, anúncios de jornais e revistas e retratos.

– Aqui está a história de minha vida – disse. E apontando uma foto: – Sabem que também já fui Rei Momo? Vejam eu, coroado com as princesas. Modéstia à parte fui um grande Rei Momo, muito melhor que esses que surgiram depois. Eu sabia transmitir alegria. Mesmo assim, por despeito, inveja, perdi a coroa. O mundo é assim mesmo.

Dona lole trouxe o café, que Ângela elogiou muito, e quando ela tornou a sair Leo tocou no assunto:

– Por que não foi na festa do Alfredo?

– Porque me senti mal.

– O senhor soube que ele foi raptado, não? – perguntou a moça.

Rico ficou a olhá-los e apenas sacudiu a cabeça afirmativamente para confirmar que sabia.

– Emagrecer cem quilos – murmurou. – Isso para mim é um castigo. O médico disse que devo passar a chá, torradas e sopinhas. Um homem com meu apetite! Acham que vou conseguir?

– Vai, sim – disse Leo, sem a menor convicção.

– Se eu emagrecer será que depois ele permite que eu participe ao menos dum concurso?

– É possível – respondeu o moço. – Mas pense em emagrecer primeiro. Prove que tem força de vontade.

– Cem quilos – repetia o gordo olhando à distância.

Leo levantou-se, seguido de Angela, despediram-se afetuosamente do glutão, que voltara a deitar-se, foram dar um adeus à dona Iole na cozinha e saíram.

Já era noite e a tarefa do dia estava concluída.

– Coitado do gordo! – lamentou Leo. – Me deu pena!

– Então eles têm quartos vagos – lembrou Angela, com alguma intenção.

– Foi o que disseram. Por quê?

– Porque essa casa me parece ideal para se esconder uma pessoa. – Leo riu.

– Ora, Ângela, você está sendo detetive demais.

– Você me convidou apenas para fazer companhia?

– Não, você foi convidada porque é muito inteligente.

– E observadora.

– Isso está também provando que é.

Angela parou e olhou Leo de frente.

– Vamos, diga o que viu no criado-mudo do pobre senhor gordo?

– No criado-mudo?

– Force a cuca.

O rapaz obedeceu-a, enrugando a testa para trazer à tona da memória alguma coisa que vira no quarto de Tozzi e não registrara. Não deu sorte.

– Vi apenas uma garrafa de refrigerante tipo família e um copo de plástico azul.

– Nada mais?

– Talvez a tampinha do refrigerante.

– Sim, a tampinha do refrigerante. E o que mais?

– Um comprimido num envelope transparente.

– Um comprimido num envelope transparente. Devia ser um digestivo ou analgésico. E o que mais?

– Mais nada – disse Leo ainda com receio de que lhe escapara alguma coisa.

– Tem certeza?

– Ângela, diga logo o que mais você viu.

A moça fincou os dedos das duas mãos nos braços de Leo:

– Será que não notou, atrás da garrafa, uma pequena agenda? E verde, verdinha, igual àquela que encontrou na casa de Alfredo.

– Não notei – admitiu Leo. – Talvez por causa da garrafa. Você, sentada de lado, teve ângulo para ver. Mas acha isso importante? Deve haver milhares de agendas iguais por aí.

– Sei disso – disse a jovem. – Mas o gordo podia ter duas e perdido uma ou comprado a segunda depois de ter perdido a primeira.

– Bem – concluiu Leo. – Num caso desses todas as observações são úteis. Vamos anotar essa. Mas a mim o que mais impressionou foi Tozzi não ter dito uma palavra sobre o rapto de Alfredo, que é o que todos comentam no bairro. Cheguei a pensar que só falou do emagrecimento, e daquele jeito, para não ter de mudar de conversa.

Ângela estendeu a mão a Leo.

– A gente se vê amanhã para continuar as entrevistas.

– Obrigado por tudo, Ângela.

– Eu que agradeço. Sou fã do Alfredinho e quero ajudar a salvá-lo.

– Aceita um refrigerante? – ele propôs.

– Não – respondeu a moça. – Preciso voltar para casa. – E afastou-se.

"Nem tudo num dia pode ser perfeito", pensou Leo, e apressou-se, a caminho da casa do primo Gino para contar como decorrera a entrevista com o gordo Ricardo Tozzi.

UM AMIGO É PARA ESSAS COISAS

Seu Domingos, levado por Jaime, foi ao apartamento de Lazzari, no Pacaembu, na esperança de arranjar dinheiro para pagar o resgate de Alfredo, caso a polícia não apanhasse os raptores até segunda-feira à

meia-noite, prazo estipulado pela última mensagem da máquina de fita vermelha.

O pai de Alfredo vira o bem-sucedido empresário apenas algumas vezes, jamais trocaram mais que algumas palavras e nunca fora ao seu apartamento. Uma empregada introduziu o angustiado marceneiro e Jaime numa saleta, onde esperaram por Lazzari.

– Alguma novidade? – foi perguntando o empresário ao entrar.

– Nenhuma, ainda, infelizmente – respondeu seu Domingos. - Viemos lhe pedir um favor.

– Que favor, seu Domingos?

– Mostre-lhe o bilhete – disse Jaime.

– Ele ficou com a polícia.

– Era dos raptores, seu Lazzari.

– O que dizia?

– Que matarão Alfredo segunda-feira à meia-noite se não for pago o resgate – esclareceu Jaime.

O amargurado Domingos chegou bem perto do empresário e, num tom sufocado de voz, lamuriou-se:

– Pedem dez milhões! Não tenho esse dinheiro. O senhor podia fazer um adiantamento?

Lazzari deu resposta imediata:

– Faria o possível para salvar a vida de Alfredinho. Mas eu também não tenho dez milhões em dinheiro.

– Bastariam Oito, tenho dois. Como sabe, estamos construindo uma casa.

O empresário sacudiu a cabeça em negativa.

– Meu dinheiro entra e sai. O máximo que posso adiantar são quatro milhões.

– O senhor pode convencer a gravadora a emprestar os quatro restantes – disse Jaime duma forma que não admitia recusa.

– Não sei se ela emprestará.

– Vamos tentar. Seu Domingos e dona Bela precisam dormir esta noite em paz.

Lazzari poderia dizer não ao próprio pai de Alfredo, mas não ao desesperado amigo da família.

– Vou telefonar para o diretor.

– Telefone, mas não diga do que se trata – orientou Jaime. – É melhor irmos os três à casa dele. Precisa sentir o drama deste homem!

Foi o que Lazzari fez; telefonou e marcou a visita para uma hora mais tarde. Felizmente o diretor da gravadora passava o fim de semana na cidade. Jaime deu um apertão no braço do alquebrado Domingos para animá-lo.

Quando o empresário saiu para vestir-se, seu Domingos manifestou seu receio:

– A gravadora já pagou a Alfredinho tudo que ele tinha a receber. Duvido que vá adiantar agora.

– Não duvide – garantiu Jaime. – Não sairemos de lá sem um cheque de quatro milhões.

O diretor da gravadora recebeu o pedido com certo espanto, dizendo que o adiantamento dependeria também de outro diretor que estava em viagem pelo exterior. Seu Domingos calou-se, dando tudo por perdido, mas Jaime, falando sem parar, ameaçou ajoelhar-se no chão para implorar o adiantamento ou o empréstimo.

– Vou lhe dar um cheque meu, particular – disse o diretor. – Depois a gente acerta.

Quando voltaram para a casa de Domingos, ele tinha no bolso dois cheques de quatro milhões, que, somados ao seu, perfaziam dez. A vida do Garoto de Ouro estava salva!

– Enxugue os olhos – disse seu Domingos à sua mulher. – Já temos o dinheiro, graças aqui ao Jaime.

– Então vamos pagar o resgate? – ela perguntou.

– Não – respondeu Jaime. – Só em último caso.

– A polícia pode pegar essa gente antes do prazo – explicou-lhe o marido.

– A polícia ou nós – revelou Jaime.

– Nós, quem?

– Eu, Leo, o filho do Rafa, o Gino, e uma mocinha chamada Ângela, aí do Morro. Eu posso não entender da coisa, mas Leo e Gino até já apanharam uma quadrilha de contrabandistas, como todos no bairro sabem. Agora, guardem bem os cheques. Segunda-feira vamos descontá-los no banco.

– Como podemos lhe agradecer, Jaime? – disse dona Bela.

– Deixe que o próprio Alfredinho faça isso.

Imediatamente, Jaime foi à casa de Gino saber das novidades. Leo já havia chegado e contado a entrevista com Rico Tozzi como também a suspeita causada pela sua agenda verde. Gino limitou-se a anotar a observação no seu caderno, não espichou o assunto.

– Nosso amiguinho não vai morrer! – anunciou Jaime, muito feliz. – Ajudei seu Domingos a levantar o dinheiro do resgate. Já podemos trabalhar com mais tranqüilidade.

Leo e Gino felicitaram-no e tomaram um café. Depois, Gino colocou na vitrola um compacto do Garoto de Ouro.

– Perfeito! – exclamou Jaimão. – Ele ainda será o maior!

– Graças a você, que o lançou – disse Leo dando-lhe um amigável tapa nas costas.

UM RETROSPECTO NO ESCURO

Outra vez na escuridão do quarto, Alfredo já não tinha a companhia da serra, que o dia inteiro ouvira ao longe, mas o latido dos cães prosseguia, intermitentemente. Ao cair da tarde sentira muita fome e acabara com o queijo branco e as bolachas. Dos refrigerantes restava apenas um e a jarra de água descera pela metade. Comendo uma maçã,

estirado na estopa, já não tinha muitas dúvidas de que seu cárcere era no próprio bairro. Todo bairro tem um cheiro especial e ele conhecia o cheiro da Bela Vista. Depois, a serra e os latidos eram ruídos familiares, principalmente quando percutidos ao mesmo tempo.

O fato de sentir-se perto de casa aproximava-o dum passado ainda vizinho. Lembrava-se de sua vida de menino, das brincadeiras de rua, do trabalho na oficina do pai e finalmente do dia em que Jaime, ex-radioator, agora no comércio de imóveis, teve a feliz idéia de levá-lo a uma Hora de Calouros depois de vê-lo e ouvi-lo inúmeras vezes cantar e tocar em festinhas. Nunca pensara em tornar-se artista profissional. Simplesmente imitava os cantores famosos do rock na voz, no balanço e na guitarra. Mesmo um primeiro lugar no programa de amadores lhe pareceu bom demais. O convite da gravadora fora uma surpresa imensa. Jaime, porém, advertira: "Não se iluda. Muitos gravam e nada acontece". Mas com ele não se deu assim. A música escolhida, de autor também desconhecido, tinha um pique sensacional. Era dessas que o público ouve, gosta e sai cantando. Em seguida, começou a ser chamado para apresentações na televisão e, logo depois, já contratado por Lazzari, passou a fazer shows, juntamente com um pequeno conjunto de roqueiros, pela capital de São Paulo, cidades do interior e outros estados. A essa altura, já não era mais o Alfredo, o Alfredinho, filho do seu Domingos, marceneiro, e de dona Bela, mas o Garoto de Ouro, o rapaz desinibido, de sorriso permanente, que vestia roupas esfuziantes e cujos retratos apareciam quase diariamente nos jornais e revistas e mesmo em pôsteres que as meninas e moças pregavam em seus quartos. Deixara de ser um jovem comum, magro e sardento, para ser um ídolo.

Na escuridão do seu presídio, perguntava-se se era feliz, e respondia prontamente que sim. Embora, reconhecia, era uma felicidade atabalhoada, inquieta, trabalhosa, febril, sem tempo para ser saboreada nem direito a descanso. Sempre num palco ou a bordo dum avião, forçado a demonstrar a alegria pela qual todos esperavam e pagavam, não lhe sobrava espaço para conviver com a família e os amigos da

Deixara de ser um jovem comum, magro e sardento, para ser um ídolo.

infância estavam cada vez mais distantes. Essa é minha primeira folga em mais de um ano, ele admitiu, arremessando para longe o cabinho da maçã.

Um pensamento: todos os delinqüentes cometem ao menos um erro. Meu raptor também cometeu?

O SUICIDIO DE MISS BEXIGA

Leo acordou bem cedo naquele domingo. Diogo, o caçula, ainda dormia na cama ao lado. Tomou um chuveiro rápido e foi para a cozinha onde dona Yolanda o esperava com o café e com perguntas sobre Alfredo. Preferiu não contar-lhe nada sobre as investigações para não intranqüilizá-la com prováveis perigos. Logo apareceu seu pai, que ia vender com o nono Pascoal suas estatuetas de madeira na feira hippie.

– Pai, este domingo não posso ir com o senhor – disse. – Estou trabalhando com Gino nesse caso do Alfredinho.

– Cuidado, meu filho. Raptores são pessoas dispostas a tudo.

– Ninguém vai se ferir, pai. Nem o Alfredo.

– Eu sei – disse Rafael, passando manteiga numa grossa fatia de pão. – Passei pela casa do Domingos ontem à noite. Já soube que o Jaimão conseguiu levantar o dinheiro. É o que de melhor se tem a fazer num caso desses: pagar para evitar violências.

– Pai, o senhor conhece bem Ricardo Tozzi?

– O gorducho? Conheço há muitos anos.

– É boa pessoa?

– É muito engraçado, mas onde se viu um homem viver às custas de suas próprias banhas? Só o que ele sabe é comer. Pode-se admirar uma pessoa assim?

– Mas já fez mal a alguém, prejudicou algum conhecido aqui do bairro?

– Tozzi é um homem grande mas um pequeno espertalhão. Sempre está tirando vantagem das pessoas. Pede favores, dinheiro emprestado e faz promessas que não cumpre. Se não fosse a mãe dele, uma boa mulher, todos lhe virariam a cara. Por que pergunta?

– Soube que está doente e que o médico lhe deu um regime para perder cem quilos.

– Quem sabe perdendo peso, ele ganhe vergonha.

Com essa nova visão da personalidade de Tozzi, Leo deu uma olhada no jornal, lendo às pressas uma notícia sobre o rapto, e saiu de casa, correndo ao encontro de Angela, no Morro.

Rita, a empregada, abriu a porta do apartamento. Confidente de Ângela, já sabia de tudo:

– Será que vocês descobrem quem foram os raptores?

– Vamos ver, Rita.

– Espere um pouco na sala, Angela está tomando banho.

Leo entrou no confortável living sentindo certa emoção. Era lá que sua quase-namorada passava parte do dia. Inquieto demais, ansioso por agir, pôs-se a andar dum lado a outro. Em dado instante, ouviu o chiado do chuveiro, parou.

– Viu ontem a televisão? – perguntou Rita, aparecendo.

– Não vi.

– Entrevistaram o pai e a mãe do Alfredinho. Doutor Arruda falou. Mostraram a casa toda, a janela por onde os bandidos entraram e o botão que arrancaram da blusa dele. Ah, sabe quem também foi entrevistada? Laura Ferrucci. Ela falava e chorava o tempo todo. No fim teve um desmaio e caiu num sofá.

Leo, ouvindo Rita e o chuveiro, lembrou-se que Laura, na cantina, foi a primeira pessoa a gritar que Alfredo fora raptado, quando a ninguém ainda isso ocorrera.

– Então ela desmaiou?

– Parecia estar sofrendo mais que a própria mãe do Garoto de Ouro. Eles eram muito amigos?

A Leo até causara surpresa a presença de Laura Ferrucci na cantina e depois na casa de Alfredo, pois já ouvira dona Bela falar mal dela. Aliás, sua mãe também. As mulheres mais velhas da vizinhança no geral não apreciavam muito a ex-Miss Bela Vista, classificada num concurso de Miss São Paulo há quase vinte anos. Achavam que ela se vestia como uma mocinha, embora já chegara aos quarenta, pintava-se com exagero, vivia nas cantinas e trocava de namorado todos os meses. As famílias de respeito do bairro não podiam aprovar esse procedimento.

– Pelo que sei, os pais de Alfredo conheciam bem Laura Ferrucci mas não eram íntimos – respondeu, finalmente, Leo, um tanto abstraído.

– Vocês vão entrevistá-la? – quis saber Rita entusiasmada com as atividades detetivescas de Angela.

– Não – disse o rapaz. Ela esta na lista de Jaime.

Jaime também se levantara cedo. Ele morava num quarto-e-sala dum pequeno edifício de três andares, sua residência e escritório. Embora não tivesse placa ou tabuleta, era ali mesmo que fazia pequenos negócios mobiliários, sempre circunscritos ao bairro. Vivia sozinho, depois de cuidar devotadamente da mãe durante muitos anos, falecida após incurável e prolongada enfermidade. Foi após a morte da senhora Barone que Jaime, já sem chance como radioator e dublador de filmes para a televisão, devido à concorrência dos mais novos, começou a trabalhar no ramo de imóveis, mas particularmente, sem estar ligado a nenhuma empresa. Sempre gostara de ser independente, dono do seu próprio nariz, e talvez por isso era um homem desinibido e alegre. Sua

grande mágoa, confessada quando exagerava no vinho, fora seu insucesso na carreira artística para a qual se julgava bastante dotado. Quando as portas no rádio lhe foram fechadas, tentou o teatro, porém sua incapacidade para decorar textos não lhe permitiu prosseguir. Lançar Alfredo como ídolo da juventude servia no entanto de consolo para quem já tivera tantas ambições.

Antes de sair do apartamento desmazelado de solteirão, tirou a lista do bolso e leu o nome de Laura Ferrucci. Desceu as escadas do prédio e foi tomar café com leite no bar da esquina. Depois, comprou um jornal: queria saber se a polícia já fizera progressos nas investigações sobre o rapto. Lá estava um extenso noticiário e um retrato do Garoto de Ouro com sua guitarra, mas na leitura deduzia-se que tudo continuava na estaca zero.

Caminhando por ruas quase desertas, porque era domingo e o movimento das cantinas só iniciava após o meio-dia, Jaime dirigiu-se para o edifício de apartamentos onde Laura Ferrucci morava com uma irmã, Hilda, viúva, e muito mais velha que ela. Jaime conhecia Laura desde a juventude, como todos os antigos moradores do bairro. Lembrava-se de quando fora eleita miss, da grande festa que houve no Clube Recreativo, e de sua participação, com muita torcida, no concurso de Miss São Paulo, patrocinado por uma cadeia de jornais. Não venceu esse concurso, mais importante, mas a fama de mulher bonita ficou, e mesmo depois de casada e desquitada, duas décadas mais tarde, continuava para muitos como a beldade da Bela Vista.

Enquanto subia no elevador Jaime ainda recordava da jovem Laura, alta e loura, dos seus retratos nos jornais e dos rapazes do bairro que desejaram casar-se com ela. E, principalmente, da noite de sua coroação, lá no clube, que parecia apenas uma etapa para a chegada ao trono de Miss Universo. Quando Laura casou com um industrial que tinha o dobro de sua idade, muitos dos seus admiradores julgaram-se traídos e passaram inclusive a odiá-la. Marino Bataglia fora um deles, o homem do canil.

Jaime tocou a campainha do apartamento. Ouvia vozes que vinham do interior mas teve de esperar alguns minutos para que lhe abrissem a porta.

– Oh, é o senhor!? – exclamou Nina, uma velha baixinha, empregada das irmãs.

– Quero falar com Laura.

– Acho que não vai dar desta vez, Jaime.

– O que aconteceu?

– Ela está passando muito mal.

– Doente?

– Acho que se envenenou.

Jaime empurrou a porta e foi entrando. Na sala, que parecia uma exposição de bibelôs e adornos, onde o móvel mais destacado era um velho piano, aglomeravam-se alguns vizinhos, de ambos os sexos, todos aturdidos e falando ao mesmo tempo. Não parou para colher informações, arremetendo-se para o quarto de Laura.

O corretor de imóveis viu Hilda debruçada sobre a cama, socorrendo a irmã, que fazia um esforço desesperado para respirar.

– O que foi, Hilda?

– Essa doida tomou um monte de comprimidos.

– Chamaram médico?

– O Pronto-Socorro está a caminho.

Jaime aproximou-se e viu um tubo aberto no criado-mudo ao lado dum copo de água vazio. Despejou-o sobre o mármore, só restavam dois comprimidos. Depois, fixou os olhos em Laura que se contorcia espasmodicamente.

– Quando fez isso?

– Há menos duma hora.

– Mas por quê? Qual foi o motivo?

– Sei lá! – disse Hilda, mais irritada com Laura do que preocupada com as conseqüências do seu gesto.

– Ela tem que pôr os comprimidos para fora.

– Já dei muito café amargo. Agora só mesmo uma lavagem.

– Laura! Laura – repetia Jaime. – O que posso fazer? Olhe, tente levantar-se. Acho que nesses casos é preciso andar. Vamos tirá-la da cama, Hilda!

– Já tentei mas ela não ajuda.

Ouviu-se então a sirene do Pronto-Socorro. Jaime correu à janela e viu dois homens de branco entrando no edifício com maca. Enquanto Hilda apressava-se em abrir-lhes a porta, ele começou a massagear os pulsos de Laura, apenas para fazer alguma coisa.

A ambulância chegou. Você vai ficar boa – dizia-lhe.

O médico e o enfermeiro, já cientes do acontecido, colocaram Laura na maca, ajudados por Jaime.

– É melhor que alguém da família vá conosco – pediu o médico.

– Eu vou – disse Hilda.

Jaime, serviçal, foi abrindo as portas para que a maca passasse. Acompanhou Laura até que a ambulância partisse. Depois, angustiado, voltou para o apartamento.

Nina procurava dar alguma ordem ao quarto.

– Deixou algum bilhete? – perguntou Jaime.

– Que bilhete?

– As pessoas que tentam se matar geralmente deixam bilhetes.

– Ah, sim, mas não vi bilhete algum.

– Vamos procurar.

Jaime e Nina olharam debaixo do travesseiro, dentro do criado-mudo e na gaveta duma pequena mesa. Não havia nada escrito.

– Teve algum aborrecimento? – perguntou Jaime.

A empregada pegou o jornal do dia sobre uma poltrona.

– Esse caso do rapto do Garoto de Ouro.

– Ontem vi Laura na televisão – disse Jaime.

– A patroa estava na casa de dona Bela quando apareceu gente da TV para entrevistar. Ficou muito emocionada. O senhor viu, não? Ela desmaiou. Voltou para cá abatida e sem querer falar com ninguém. E hoje cedo acontece isso.

Jaime abriu o jornal. Relendo a notícia, sua atenção se fixou numa informação dada certamente pelos pais de Alfredo, após o segundo telefonema: uma mulher entre os raptores.

Uma voz feminina, o desmaio diante das câmeras e o tubo de comprimidos. Jaime saiu a toda pressa do edifício.

ZORBA, O EX-MARINHEIRO GREGO

Quando Angela apareceu no living, vestindo uma blusa branca e jeans desbotado, cabelos soltos, toda envolta nos perfumes do banho, o coração de Leo disparou. A moça porém portava-se com a naturalidade de sempre.

– Viu a entrevista de Laura ontem na TV?

– Rita me contou.

– Foi um vexame. Caiu num berreiro e desabou no sofá.

Jaime já deve estar no apartamento dela.

– E nós, quem vamos entrevistar?

– Sílvio Poiares, o dentista.

Ângela abriu aquele sorriso de que Leo tanto gostava.

– Sabe, estou curtindo muito nosso trabalho. Pena que a vida de Alfredinho corra perigo.

O consultório-residência de Silvio Poiares era a menos de duzentos metros da casa dos Carlucci. Leo e Angela caminhavam a passos ligeiros pretendendo naquele domingo concluir as entrevistas. Na segunda, Leo voltaria ao trabalho, no Emperor Park Hotel, e não lhe sobraria tempo para mais nada.

– Amanhã também estarei ocupada – lembrou Angela. – Vou cedo para a escola e meus pais, já de volta do Guarujá, talvez não me deixem sair.

– Por que você não foi com eles?

– Porque precisava aproveitar o fim de semana para estudar. Os exames estão aí.

– E acabou perdendo tempo comigo.

– É verdade, mas foi por uma boa razão.

– Aí é o dentista!

Leo apertou a campainha vendo a porta e as janelas da casa de Poiares fechadas. Nenhum ruído ouvia-se da rua. Angela espremeu o botão, impaciente, e depois foi novamente a vez do rapaz.

A janela da casa do vizinho abriu-se e uma senhora idosa pôs a cara.

– O dentista viajou – disse ela.

– Quando? – perguntou Leo.

– Faz uma semana. Ele e a família toda. Voltam no fim do mês.

– Obrigado.

– Alguma dor de dente?

– Nervo exposto – explicou Leo, levando a mão à boca.

– Coitadinho!

A dupla de detetives afastou-se e foi rir na esquina.

– Temos de riscar o nome de Silvio Poiares da lista.

– Se está fora há uma semana não poderia ser útil.

– Engano seu – replicou a moça. – Talvez tenhamos de voltar mais tarde. Um dos raptores pode ser cliente dele. Não pensou nisso?

– Você está ficando formidável, Ângela! Afinal bandidos também freqüentam dentistas. Quem sabe Poiares pudesse nos dar uma ótima dica.

– Mas espero que muito antes que volte os raptores já estejam presos.

Leo retirou a lista do bolso. Já haviam entrevistado madame Santa, Heitor Salvattore, o braço-de-ferro, o gordo Rico Tozzi e o dentista viajara.

– Faltam apenas dois nomes na nossa lista – anunciou.

– Quem vamos entrevistar agora?

– Zorba.

– Zorba?

– É o apelido dum grego.

– Quem é ele?

– Um cara que foi marinheiro.

– E agora, o que faz?

– Vende enciclopédias. Meu pai comprou uma: Curiosidades do Mundo Todo. Uma beleza!

Zorba, o grego, como todos o chamavam no Bexiga, apelido tirado dum filme de cinema, morava no porão habitável duma das mais antigas residencias do bairro, caindo aos pedaços, mas imponente como os velhos casarões romanos dos tempos dos césares. Havia colunas com capitéis, escadarias de mármore, balconetes e nos fundos o maior pombal que Leo e Ângela já tinham visto. No passado lá devia ter morado alguma família rica, provavelmente um comendador italiano. Agora era uma cabeça-de-porco ou cortiço. Suas paredes externas, desbotadas ou sujas, tornavam impossível afirmar qual teria sido a cor original.

Leo e Ângela passaram entre varais com roupas estendidas, tropeçaram em pintos e galinhas, chutaram bolas de borracha da criançada, molharam os sapatos em pequenas lagoas do quintal, fugiram de cachorros agressivos e entraram afinal na parte baixa da casa, o porão, com suas enormes manchas de umidade, onde um homem velho,

com um tapa-olho preto no rosto, apontou o quarto onde o grego vivia.

– Vão entrando disse uma voz rouca logo à primeira batida na porta.

Os dois jovens detetives entraram. A primeira coisa que viram foi uma miniatura dum veleiro pacientemente colocada dentro dum litro. O resto eram garrafas vazias, pôsteres de atrações turísticas de todo o mundo pregados às paredes e um homem, só de calção, fazendo evoluções com as pernas sobre a cama. Esse homem, de nariz proeminente e olhos pequenos, parecia um livro ilustrado tantas eram as tatuagens que exibia nos braços, pernas e peito. Mesmo vendo que chegavam visitas prosseguiu em suas evoluções, flexionando, estirando as pernas e tornando a flexioná-las com ritmo e vigor.

– O que vocês querem? – perguntou o ex-marinheiro, olhando-os com desinteresse.

– Você vendeu uma enciclopédia para meu pai, Lembra-se? Zorba interrompeu a ginástica.

– E o que há? Não ficou satisfeito?

– Fiquei, sim. Tanto que trouxe uma amiga minha. Se lhe mostrar um prospecto talvez ela se interesse.

O grego voltou a movimentar as pernas.

– Não vendo mais enciclopédias.

– Mas ainda esta semana eu o vi tentando vender uma para seu Domingos, o pai do Alfredinho – arriscou Leo, inventando.

– Ainda esta semana eu vendia.

– Por que não vende mais?

– Isto não é da sua conta, garoto.

– Ganhou na loteria? insistiu Leo.

Zorba interrompeu a ginástica, sentou-se na cama e então, pela primeira vez, demorou o olhar nos dois jovens.

– Mudei de profissão – disse.– Agora podem ir indo.

– Mudou para qual?

– Você gosta de saber demais, não é, moço?

Leo e Ângela sentiram que estavam diante dum homem pouco gentil, nada disposto a fazer amizade. Parecia também aflito em colocar um ponto final na conversa. Além do mais, apesar dos seus quarenta e tantos anos de idade e de todas aquelas garrafas de bebidas, mantinha excelente forma física, certamente conquistada em sua longa vida de marinheiro.

– Você falou muito quando forçou meu pai a comprar a enciclopédia. Naquele dia não estava tão caladão como hoje.

– Já disse que não vendo mais enciclopédias. Leve sua amiguinha embora senão começo a tirar a roupa.

– Saia, por favor disse Leo a Ângela – quero dizer umas boas a este cavalheiro.

– Pode dizer – ordenou Ângela, corajosa. – Não saio.

– Ah, não vai sair, mocinha? – ameaçou o grego pondo-se de pé. – Veja então o que vou fazer.

Pela primeira vez, numa das entrevistas, Leo perdeu a paciência.

– Qual é seu problema, Popeye? Está bêbado ou com medo de alguma coisa?

– Eu com medo de quê? De você, menino?

– De mim, não. Mas talvez esteja com medo da polícia – arriscou Leo mais uma vez.

– Por que teria medo da polícia?

– Isso vai ter que explicar a mim ou ao delegado.

– Que petulância, escoteiro. Quem você pensa que é?

Ângela impressionava-se mais com as tatuagens de Zorba do que com suas palavras. Apesar da decisão de ficar estava assustada, e não tinha a menor idéia do que Leo pretendia falando daquele jeito.

– Sou um amigo do Garoto de Ouro – declarou o rapaz. – É melhor sentar e dizer tudo que sabe sobre o rapto. Conheço pessoas que estão de olho em você.

– Rapto? Não sei de rapto algum. E, agora, sumam daqui!

Num relance viram a garrafa estourar de encontro à parede, espalhando súbito e doce cheiro de gim.

– Onde estava na noite de sexta-feira? perguntou Leo com segurança como se o grego estivesse algemado.

O ex-vendedor de enciclopédias, num gesto natural, abaixou-se e pegou uma garrafa. Leo entendeu o perigo, empurrou Ângela para fora do quarto e escapou atrás dela. Num relance viram a garrafa estourar de encontro à parede, espalhando súbito e doce cheiro de gim. Ao chegarem ao fim do corredor voltaram-se e viram o homem tatuado saindo de seu cubículo com bastante ímpeto. Ao vê-los, renovando sua carga de ódio, gritou uns palavrões e voltou ao quarto com uma intenção que Leo adivinhou.

– Corra, Ângela! berrou o rapaz. – Ele vem aí!

Angela perdeu-se por algum tempo no labirinto daquele porão frio e escuro mesmo de dia, chocou-se com uma mulher gorda que circulava com uma enorme trouxa de roupa, e afinal alcançou a claridade do quintal, ouvindo, de perto, a respiração ofegante de Leo.

Logo em seguida, aquele Popeye maluco, mais musculoso e ágil à luz solar, surgia entre os varais, espantando pintinhos e galinhas, empurrando inquilinos do cortiço e já com o braço armado para arremessar outra garrafa.

– Cuidado! – advertiu a moça, que casualmente olhara para trás. – Abaixe-se!

Leo, cercado por alguns cães, que saltavam a seu redor e latiam, bailava entre eles, evitando as dentadas, quando viu o grego se aproximando com a garrafa que ensaiava atirar com menos precipitação para não errar desta vez. O rapaz percebeu que se corresse para a rua, o que Ângela já fizera, se tornaria um alvo fácil, embora em movimento. Preferiu continuar circulando e bailando entre os varais, cujas roupas, a maioria lençóis, largos e molhados, além de protegê-lo, amorteceriam o impacto da garrafada. O pior eram os cachorros, que vendo nele um estranho ao mundo do cortiço, aliavam-se ao grego na medida em que lhe dificultavam a ação.

Leo perdeu a conta do número de voltas que deu ao redor e entre as fileiras de varais, o que fazia com tantos meneios, dribles e enganos a

ponto de divertir os inquilinos da cabeça-de-porco. Muitos saíam às janelas dos quartos para apreciar o espetáculo de posição e ângulo favoráveis. E não só assistiam como torciam, todos, crianças, adultos e velhos, simpatizados com o rapaz que por tantas vezes escapava por um triz de ser alvejado pela garrafa.

Quando o grego percebeu que havia um público, e que este se colocava unanimemente favorável ao garoto, pela diversão que lhe proporcionava, teve a idéia louca de arrancar os varais. Sob os gritos de protesto de todos, principalmente das mulheres do cortiço, foi puxando os arames, fazendo saltar pregos e desabando toda aquela roupa limpa sobre a terra suja do quintal.

O rapaz, muito antes que o perseguidor concluísse sua tarefa, a de limpar a área para facilitar o arremesso de seu petardo, mudou também de tática, e no lugar de empreender novas fugas usou o espaço vazio que surgia a seu favor. Como um verdadeiro touro, disparou na direção do grego empurrando-o com as mãos bem firmes. O ex-marinheiro, surpreendido pelo impulso e pelo inesperado, caiu com sua garrafa sobre roupas e galinhas. O tombo, saudado por uma gargalhada geral, deu tempo a Leo para correr até o portão, onde Ângela o aguardava, e ambos, de mãos dadas, continuaram a carreira, virando a primeira esquina.

Depois, exaustos, mas com vontade de rir, comentaram o acontecido.

– Leo, por que você falou com Zorba naquele tom?

– Nem sei dizer. Acho que tentei blefar.

– Então era blefe?

– Fingi que tinha boas cartas, como no pôquer. Arrisquei. Quis agir como se soubesse que ele está implicado no rapto.

– E você acha que está?

– Eu não achava, mas a reação dele, tão violenta, me pôs uma pulga atrás da orelha.

– Que susto, Leo!

– Minhas pernas ainda estão tremendo.

– Para onde vamos agora?

– Gino já deve estar no Centro Recreativo, jogando xadrez. Vamos até lá. Depois faremos a última entrevista de nossa lista.

– Quem é o último? Não lembro.

– Depois eu digo.

JOÃO CABEÇADA NO LAR DO SENHOR

O adversário de Gino no torneio de xadrez era um rapaz muito sério, com pinta de intelectual e que usava óculos de lentes espessas e escuras. Com pressa de livrar-se logo dele, pois já vira Jaimão na sala de espera, provavelmente com novidades, o primo de Leo cometeu alguns erros iniciais que quase lhe custam a desclassificação. Teve de concentrar-se novamente, tentar dominar os nervos, analisar os lances com muita atenção para reequilibrar a partida. Quando Leo e Ângela chegaram ao Centro, ainda cansados da aventura no cortiço do grego, Gino já contra-atacava. Meia hora depois, com segurança, sua rainha, uma torre e um bispo encurralavam o rei inimigo.

– É mate – admitiu o rapaz de óculos. – Você ganhou. Parabéns.

Gino moveu a cadeira de rodas até a sala de espera. Não quis fazer comentários sobre a vitória. Queria informações.

– Laura Ferrucci está no hospital – disse Jaime. – Tentou envenenar-se.

E contou o episódio no apartamento dela e a procura que fizera de algum bilhete revelador.

– O dentista Poiares está viajando há uma semana. Só volta no fim do mês – informou Angela. – Agora Leo vai lhe falar do que aconteceu com o Zorba. Se ele não fosse vivo também estaria no hospital.

Gino ouviu a história sem uma interrupção e depois fez anotações em seu caderno.

– Esse grego me pareceu muito suspeito – declarou Leo. – O que me diz, Gino, de irmos à delegacia?

– Quantas entrevistas faltam? – perguntou o enxadrista.

– Na minha lista falta uma – disse Jaimão.

– Na nossa também.

Gino permaneceu fiel ao plano.

– Vamos terminar as entrevistas e tentar tirar algumas conclusões. Depois, sim, procuraremos o doutor Arruda. Se vencer, passarei às semifinais. Vocês, vão trabalhar.

Jaime, Leo e Ângela saíram juntos do Centro mas seguiram rumos diversos. Antes de mais nada, Jaime telefonou para o hospital, querendo notícias de Enrico. O salsicheiro, disseram, continuava sem sentidos e Laura Ferrucci recebia socorros urgentes. Mas precisava, ainda, pegar o carro e dar um pulo à casa dos Carlucci. Foi o que fez a toda pressa.

Os pais de Alfredo mostravam-se um pouco mais calmos porque já tinham em mãos três cheques, dez milhões que descontariam no dia seguinte, segunda-feira, para pagar o resgate do filho, caso a polícia não localizasse antes os raptores.

– Eles não telefonaram? – perguntou Jaime, ansioso.

– Ainda não.

– E a polícia já obteve alguma pista?

Seu Domingos sacudiu a cabeça:

– Doutor Arruda saiu daqui agora. Nada.

– Nós continuamos trabalhando, Domingos. Vamos chegar a algum resultado. Agora mesmo vou espremer outra pessoa. Até logo, amigão!

Quando ia saindo, Jaime viu Marino Bataglia, que entrava para visitar os Carlucci. Ao deparar com ele, o homem do canil levou um pequeno susto, cumprimentou-o atarantado e foi abraçar o dono da casa.

O último nome da lista de Jaime, observou enquanto dirigia seu carro, era o único que não morava no bairro, embora já tivesse residido nele durante muitos anos. E não morava em casa ou apartamento mas

numa pequena igreja, com lotação para duzentos fiéis no maximo, chamada Lar do Senhor, que professava uma religião independente, cujos adeptos, na maioria, eram pessoas humildes. João Cabeçada trabalhava como zelador desse templo, tendo se convertido à sua fé, fazia alguns anos, na penitenciária, onde cumpria pena por assalto. O apelido, Cabeçada, João trazia dos seus tempos de fora-da-lei, sempre no noticiário dos jornais, quando com uma única e brutal cabeçada no estômago afrouxava a resistência de suas vítimas.

Jaime estacionou o carro diante da igreja, cujo aspecto exterior era duma enorme garagem, e foi entrando. Sendo domingo, havia missa ou culto. Pouco mais de cinqüenta pessoas, sentadas em bancos compridos de madeira, ouviam as palavras dum pregador, vestido de preto, que, segurando uma Biblia aberta nas mãos, lia alguns versículos e comentava-os num tom de voz monótono.

Sentando-se ao lado de um dos fiéis do Lar do Senhor, Jaime passeou os olhos por todo o salão à procura de João Cabeçada. Mais tarde, a um sinal do pregador, todos levantaram-se e cantaram um hino com entusiasmo e bastante afinação. A última fase da cerimônia religiosa foi destinada à coleta de ofertas, quando dois homens, também vestidos de preto, passaram entre os bancos com pratos de madeira que aproximavam daqueles que desejavam dar contribuições em dinheiro. Um desses homens era baixo, quase um anão, e ruivo, o outro, alto, maciço, escuro, e dono duma enorme cabeça calva, João Cabeçada.

Foi justamente João o diácono que estendeu a Jaime o prato da coleta. Jaime olhou-o com firmeza nos olhos, enquanto dava sua contribuição.

– Preciso falar com você depois – disse.

Terminado o culto, enquanto os fiéis saíam do Lar do Senhor, Jaime passou pelo público e foi até uma espécie de sacristia onde João Cabeçada o aguardava inquietamente.

– Veio só para falar comigo ou para assistir ao culto? – perguntou João Cabeçada.

– Vim especialmente para falar com você, João.

– O que há? Eu me regenerei, como todos sabem. Sou um convertido. Não quero saber mais da vida que levava. Aquilo são águas passadas. Agora sou outro homem. João Cabeçada morreu.

Acredito, disse Jaime. – Não o estou acusando de nada. Calma.

O zelador do Lar do Senhor meneou a cabeça, descrente.

– Sempre que um antigo conhecido me procura é porque suspeita que eu tenha dado uma escorregadela. Duvidam de minha regeneração. Meu passado não me abandona.

– E a polícia, tem deixado você em paz?

João voltou a sacudir sua enorme cabeça de melão.

– Só o reverendo Tomás põe a mão no fogo por mim. Ele e Jesus Cristo – garantiu apontando para o alto.

– Do que tem sido acusado?

– De tudo que fiz e que não faço mais. O reverendo está cansado de me acompanhar até a delegacia, onde me interrogam, me forçam a falar coisas que não sei, e depois me soltam.

– Você nunca mais voltou a delinqüir?

– Desde que entreguei minha alma a Deus, nunca mais. Agora, diga, por que está aqui? O que desconfia que fiz? Pode falar. É só para isso que o pessoal do Bexiga, onde morei, me procura.

Jaime sentiu que não podia escamotear o assunto por mais tempo.

– Você sabe que o Alfredinho, o Garoto de Ouro, foi raptado, não sabe?

– Sei, sim, li nos jornais, e já esperava que alguém aparecesse para fazer perguntas.

– Sabe alguma coisa a respeito?

– Nada.

– Jura por Deus?

– Aqui no Lar do Senhor não se jura. É pecado.

– Bem, era o que queria saber.

João Cabeçada apertou fortemente o braço de Jaime com cinco dedos de ferro.

– Já respondi, agora me diga por que suspeitou que eu soubesse de alguma coisa? O que o diácono de uma igreja pode saber sobre o rapto de um rapazinho?

Aí Jaime fez uma pausa e retirou do bolso sua lista de nomes que constavam da agenda verde. Talvez a visita fosse inútil mas precisava justificar sua presença no templo.

– Um dos raptores deixou cair uma agenda na casa dos Carlucci – disse Jaime. – Nela havia alguns nomes e endereços. E entre eles o seu, João Cabeçada. Isso não significa que esteja implicado no caso mas prova que vocês se conhecem.

O reverendo Tomás, homem de aparência bondosa, aproximou-se.

– Um amigo seu, João?

Jaime estendeu-lhe a mão para um aperto cordial.

– Conheço João há muito tempo.

– Vi o senhor durante o culto. Pena que tenha chegado tarde. O sermão deste domingo foi sobre o arrependimento. Um tema muito comovente. O preferido de nosso querido João.

– Cheguei no final do sermão mas gostei do que ouvi, reverendo. O senhor é muito eloqüente.

– Volte outra vez, seja qual for a sua religião. O Lar do Senhor está aberto para todos. A casa de Deus tem muitas moradas, como diz a Bíblia.

O reverendo afastou-se com um sorriso amigo e foi juntar-se a outros fiéis que entravam na sacristia.

– Meu nome estava nessa agenda? – perguntou o diácono, irritado, a Jaime.

– Estava, eu vi.

– Não sei de nada – repetiu João. – Pode ser que os raptores me conheçam. Convivi com milhares de bandidos na Detenção e na Penitenciária. Mas não me interessa o que estão fazendo. O que eu queria era poder trazer todos eles para o nosso rebanho, como cordeiros de Deus.

Jaime convenceu-se de que João Cabeçada não tinha nenhuma ligação com o rapto.

– Esqueça, João. Faz de conta que vim apenas visitá-lo.

Mais descontraído, o diácono fez um convite:

– Vamos tomar café?

– Com prazer.

João levou o amigo para uma saleta, anexa à sacristia, onde ele mesmo fazia café num pequeno fogareiro. Lá, Jaime viu, alinhadas numa prateleira, uma grande quantidade de garrafas de suco de uva puro, o vinho consumido nas santas ceias, vários pacotes, alguns abertos, de hinários, Novos Testamentos e folhetos religiosos ilustrados. Num canto, espremida, entre a parede e um banco alto, uma velha máquina de escrever. Deu uma olhada nela. No rolo havia um comunicado da igreja aos seus crentes escrito com fita vermelha.

– Aqui sou tudo – disse João Cabeçada. – Zelador, diácono, faxineiro, cafeteira e até datilógrafo.

INTERVALO PARA ALMOÇO

Leo passou em sua casa, ao meio-dia, apenas para dizer que almoçaria com Gino no Centro Recreativo. Seria um dos raros domingos em sua vida que não almoçava com os pais, o que causaria tristeza principalmente à dona Yolanda e ao vovô Pascoal. Mas Jaime não almoçou com eles, passando pelo Centro apenas para relatar ao grupo sua entrevista com João Cabeçada e depois seguiu para a casa dos Carlucci, à espera de nova mensagem dos raptores.

O almoço foi breve porque Gino teria que disputar uma semifinal, o que o inquietava bastante. Precisava concentrar-se e treinar com um bom enxadrista antes de enfrentar seu penúltimo adversário do torneio. Se vencesse, no dia seguinte jogaria a final, já com os olhos no troféu.

– O que você acha disso – do João Cabeçada escrever à máquina com fita vermelha? perguntou Leo.

– E o que você diz do ferimento na testa do homem do braço-de-ferro? – replicou Gino. – E da tentativa de suicídio de Laura Ferrucci? E da corrida que o Zorba lhe deu no cortiço? Temos suspeitos até demais.

– É pena que Enrico e Laura não estejam em condições de falar – lamentou Angela.

– Meu receio – confessou Gino é que só falarão quando os raptores estiverem longe.

O momento ainda era mais para ação do que para reflexão. Leo e Ângela despediram-se de Gino, desejaram-lhe boa sorte, e deixaram o Centro Recreativo. Agora, sim, a última entrevista.

VISITA DO RAPTOR AO GAROTO DE OURO

Alfredo passou a maior parte da manhã do domingo deitado na estopa à espera de que o raptor ou os seus salvadores aparecessem. Ouvindo de quando em quando os cães, sofria a saudade dos pais e da avó, recordando a noite de sexta-feira, a última vez que os vira.

Lembrava-se dos preparativos da festa da cantina, a mãe estreando um belo vestido novo e o pai com seu terno de missa. Até a nona, que raramente saía de casa, por causa da idade, ia ouvi-lo cantar e tocar a guitarra. Jaimão, que organizara tudo, aparecera de paletó e gravata para animá-lo e informar como as coisas iam no II Cacciatore. E foi quem, como atencioso diretor-artístico, aconselhou-o a retardar a chegada para multiplicar o interesse de todos.

Saudoso dos parentes e grato ao amigo, o Garoto de Ouro imaginava também o sofrimento que o rapto causava a muita gente e o esforço que seu pai estaria fazendo para conseguir o dinheiro exigido pelos raptores. Fazia seu pensamento voar nessa direção quando ouviu estalar as velhas tábuas do assoalho e em seguida passos distantes.

Alfredo ficou trêmulo. Só poderia ser um dos raptores. Levantou-se sem fazer ruído e pé ante pé caminhou até a porta onde colou o ouvido. Sabia que o homem que o atacara e o prendera estava lá. Apenas a espessura de alguns centímetros de madeira os separavam. Ambos ascultavam ruídos, silenciosamente.

"Ele não quer entrar", pensou Alfredo, mas queria que entrasse. Mesmo com aquela capa e o lenço preto no rosto talvez pudesse reconhecê-lo. Vou continuar quieto, segurando a respiração, para que tema que eu esteja morto e abra a porta para verificar.

Alfredo não se movia e o raptor, do outro lado, não se afastava. Era uma situação parada, fixa, mas de alta tensão. Um tempo que doía para o Garoto de Ouro e sangrava para o bandido. Se o rapaz estivesse morto, por colapso ou suicídio, a posição do homem atrás da porta se complicaria, porque teria que se livrar dum corpo.

O rei do rock ouviu uma batida, o som produzido pelos nós de dedos, cauteloso e perscrutador. Não deu resposta, os pés fincados no chão, à espera de novas manifestações do bandido. O mesmo ruído logo se repetiu, porém mais lento e forte. E após breve intervalo ele se fez ouvir mais vezes, em tonalidades diversas, reflexo de uma inquietação que crescia.

Por fim, o Garoto de Ouro ouviu uma voz humana:

– Está passando bem, Alfredinho? Precisa de alguma coisa? Fique tranqüilo. Se seu pai pagar o rescate, nada lhe acontecera. Você será libertado amanhã de madrugada. – E, mais alto, perguntou aflitamente: – Está me ouvindo? Alfredinho, você ouviu?

O Garoto de Ouro não respondeu a nenhuma pergunta, mas aquelas palavras, pronunciadas com disfarçado sotaque, deram-lhe uma certeza:

– O homem é estrangeiro! O raptor é estrangeiro!

O HOMEM QUE QUASE VIU O RAPTOR

Leo levou Ângela até a casa onde Oscar, um rapaz de vinte e poucos anos, morava com sua mãe e uma tia, ambas viúvas. A caminho

disse-lhe que a entrevista seria feita apenas para encerrar o trabalho, cumprir uma tarefa.

Muito bem recebidos pelas duas mulheres, assim que entraram no quarto de Oscar, a moça entendeu o motivo do reduzido interesse de Leo pela visita: Oscar era cego.

– É o Leo, Oscar – anunciou-se o jovem detetive. – Trouxe comigo uma amiga, Angela.

– Sabia que era você – disse Oscar – e que estava acompanhado por uma moça.

– Sabia como?

– Os cegos não têm apenas bom tato, têm também bons ouvidos – garantiu Oscar, sorrindo.

Ele não nascera cego; perdera ambas as vistas há alguns anos, e sem se desesperar vinha se acostumando a viver no escuro e a desenvolver os outros sentidos. Ainda não trabalhava porque sua mãe desfrutava de boa situação financeira, mas pretendia, mais tarde, fazer algo útil e ganhar dinheiro.

– Como vai passando, Oscar?

– Estou muito bem. Já consigo dar voltas no quarteirão sozinho até sem bengala.

– É um tremendo progresso.

– Viram minha estante? – perguntou apontando a uma parede. – Foi feita pelo seu Domingos. Estou organizando uma biblioteca em Braille. Nem queira saber como a leitura tem me feito bem. Passo horas inteiras lendo com os dedos.

Ângela interessou-se pela biblioteca e foi apanhar um livro.

– Que livro é esse? – perguntou.

Oscar passou a mão pela capa.

– É o Tom Sawyer, de Mark Twain. Uma delícia! Já li várias vezes. Vou lhe mostrar os outros.

Leo foi à janela do quarto, que era no fundo da casa. Havia apenas uma oficina mecânica entre a casa de Oscar e a de Alfredinho. Da janela podia-se ver o quintal dos Carlucci.

– E este qual é? perguntava Ângela.

– É um romance famoso, A ilha do Tesouro, de Robert Louis Stevenson. Genial!

– Você consegue ler depressa?

– A princípio, não conseguia. Agora faço até leitura dinâmica. O tato é uma coisa maravilhosa. Este é de Jack London, O Lobo do Mar. Se não leu tem que ler imediatamente, Ângela.

– Não li, mas gosto muito de ler.

– Então apareça às vezes aqui para conversarmos sobre livros.

– Virei, sim.

Leo continuava a espiar à janela, sempre com os olhos na casa dos Carlucci. Voltou-se então para Oscar e fez uma pergunta:

– Oscar, você sabe que o Alfredinho foi raptado, não?

– Quem não sabe? Mamãe e titia não falam doutra coisa. Um bom rapaz. Meu medo é que o matem.

A primeira pergunta de Leo era para preparar a segunda.

– Você disse que tem bons ouvidos. Ouviu alguma coisa suspeita na sexta-feira à noite quando Alfredo foi raptado?

Oscar sentou-se na cama com um dos livros nas mãos. Procurava lembrar-se vagarosamente para dar uma informação precisa. A atenção de Leo e de Ângela concentrou-se nele.

– Eu estava aqui no quarto, deitado, a ler o Capitão Blood – começou a dizer o cego. – Ouvi claramente quando os pais de Alfredo, a nona e Jaimão foram para a cantina. Eles falavam alto e riam muito. Ouvi depois o carro de Jaimão que partia e seu Domingos fechando o portão da entrada do seu Fusca. E o ruído do carro indo embora. Isso foi pouco antes das nove.

– Eu estava na cantina quando chegaram – confirmou Leo. – Mas Alfredo ficou em casa, vestindo-se. Tinham combinado que chegaria mais tarde.

– Ouviu alguma coisa depois? – perguntou Ângela ansiosa.

Oscar levantou-se para guardar o livro em sua estante nova.

– Ouvi, sim.

Quando os dois já iam saindo, Oscar acrescentou:
– O homem estava bem vestido.

– O que foi?

– O ruído do motor de um carro que se aproximava lentamente. Depois, estacionou diante da casa de Alfredo.

– Ouviu vozes?

– Nenhuma, Leo.

– Alguma coisa lhe chamou a atenção?

– Sim, imaginei que tinham esquecido alguma coisa, pois a pessoa abriu o portão da casa e manobrou o carro para dentro. Um estranho deixaria o automóvel na porta, não usaria a entrada de carro.

– Mesmo se tivessem esquecido algo – ponderou Angela – não teriam o trabalho de manobrar, já que se tratava duma parada rápida.

– Isso mesmo – concordou Oscar. – Só o pai de Alfredo estacionava o carro dentro de casa.

– Chegou a pensar que era seu Domingos que voltava? – quis saber Leo.

– Não, o motor não era de Fusca, mas de carro maior. E posso garantir que bem velho, pelo barulho.

– Era o raptor – disse Ângela. – Ele teve que meter o carro na entrada para não ser visto quando pusesse Alfredo no banco traseiro ou no porta-malas.

– Isso já sabemos – interveio Leo. – Agora me diga: quanto tempo ele demorou no interior da casa?

Oscar já esperava a pergunta:

– Entre quinze e vinte minutos.

– Como foi a saída dele?

– De arranque, rápida, como ninguém faz ao sair duma entrada de carros. O cara devia estar com muita pressa. E certamente não parou mais para fechar o portão.

– Isso é tudo?

– Quase uma hora depois começaram a tocar a campainha insistentemente.

Éramos eu e Angela – esclareceu Leo. – Viemos buscar Alfredo, que demorava muito.

– Não lembra de mais nada?

– Não, Angela.

– Mais uma pergunta. Acha que a pessoa que entrou na casa estava sozinha?

Oscar balançou a cabeça, afirmativamente.

– Tenho certeza. Não ouvi vozes nem passos. Além disso, quando ele desceu do carro só uma porta bateu. O raptor pode ter seus comparsas, mas agiu só.

Leo, achando inútil mencionar o nome de Oscar na agenda verde, fez sinal a Ângela para que se retirassem.

– Vamos indo, Ângela.

A moça foi apertar a mão de Oscar.

– Voltarei um dia para falarmos sobre livros.

Quando os dois já iam saindo, Oscar acrescentou:

– O homem estava bem vestido.

Leo e Ângela entreolharam-se.

– Como pode saber isso?

– Bem, eu não vi... – gracejou. – É que quando estacionou o carro e foi abrir o portão, algum gaiato passou de caminhão, e berrou: "Eh! Grã-fino!". Notei que se dirigira a ele porque por um instante não ouvi o som do portão quando o abrem ou fecham. O engraçadinho o fez hesitar por momentos.

FAÇAM SUAS APOSTAS

No final da tarde todos se reuniram na casa de Gino. O enxadrista apesar do enigma que o preocupava tivera ainda cabeça para derrotar seu adversário e colocar-se como finalista do torneio no Centro Recreativo. Além de Jaimão, Leo e Angela, compareceu a reunião o Guima (Guimarães), porteiro do Emperor Park Hotel, que aos domingos, sua folga, sempre visitava os amigos mais chegados. Como não podia haver segredo com o Guima, participou da reunião.

Gino, abrindo seu caderno, leu as anotações que fizera naqueles dois dias.

Por que madame Santa odeia a mãe de Alfredo?

Marino Bataglia, ao implicar Enrico, disse tudo que sabia?

Foi mesmo um dos raptores quem arrebentou a cabeça de Enrico?

O ferimento na testa de Heitor Salvattore foi feito pela guitarra de Alfredo?

Por que Ricardo Tozzi tinha uma agenda igual à do raptor?

Que motivo levou Laura Ferrucci a tentar o suicídio?

Sílvio Poiares, o dentista, foi viajar?

Por que Zorba, o grego, ficou furioso quando Leo e Ângela o entrevistaram?

A máquina de João Cabeçada, no Lar do Senhor, é a mesma usada pelos raptores para baterem suas mensagens?

O raptor agiu sozinho como garante Oscar?

Gino concluiu a leitura de suas notas, informando, em seguida, que, por culpa do torneio de xadrez ou não, ainda não chegara a nenhuma solução. O assunto estava em aberto para ser discutido. Péssima resolução, pois todos puseram-se a falar ao mesmo tempo, e até tia Zula veio da cozinha dar palpites. Assim não era possível concluir nada.

– É melhor falar um por vez – decidiu Gino. – Cada um que diga o que pensa, sem apartes. Está bem assim?

– Está ótimo! – concordou Leo.

– Eu também quero apostar! – exigiu tia Zula, provocando o riso de todos.

– Não se trata duma corrida de cavalos, mãe – brincou Gino.

– Mas eu tenho o meu suspeito.

– Todos têm, mãe. Apenas duvido que apostem no mesmo. Quem começa?

– Eu estou meio por fora – disse o Guima. – Não acompanhei as investigações e só posso me basear no que estão dizendo.

– Intuição também vale – disse Angela.

Guima pigarreou para fazer uma pausa que valorizasse sua opinião.

– O raptor é aquele que tentou implicar outra pessoa. É sempre assim que agem os delinqüentes. Para mim o homem é Marino

Bataglia. E não duvido que tenha sido ele mesmo quem deu a porretada na cabeça do pobre Enrico. Aí está meu voto.

Gino ainda usando o caderno anotou o voto de Guima e sua justificativa.

– Mãe, vejo que a senhora está doida para dar sua opinião – observou Gino. – Pode falar.

– Agora, o palpite de tia Zula – anunciou Leo.

Zula de fato estava ansiosa para apostar ou votar mas quando lhe deram a palavra hesitou um pouco. Por fim, escolheu seu nome.

– Acho que o bandido é aquele Chico Bóia do Ricardo Tozzi! É o maior vagabundo do bairro e se o obrigaram a emagrecer teve que tentar arranjar dinheiro sem explorar sua barriga. Ponha aí, filho: Tozzi, o comilão!

Gino anotou, sem comentários, e apontou a esferográfica para Ângela.

– É sua vez, beleza!

– Não posso dizer que sei quem é o raptor – disse Ângela. – Eu não apostaria, mas o grande suspeito no meu modo de ver é Heitor Salvattore, o campeão de braço-de-ferro. Ele é muito simpático e canta muito bem suas cançonetas napolitanas. Duvido, porém, que possa explicar aquela escoriação na testa. Aquilo acho que foi serviço da guitarra de Alfredo.

– Tinha esquecido disso – lembrou tia Zula mas mantenho a aposta no Tozzi.

A bola foi passada para Leo, que sacudira a cabeça negativamente a cada nome pronunciado na mesa.

– Depois do susto que levei com Zorba, o grego, não posso votar noutro. Aquele homem é capaz de tudo. E o fato de ter deixado de vender enciclopédias é a maior prova. Ponha o nome dele aí, Gino! Zorba!

Gino apontou a esferográfica para Jaimão.

– Dê seu palpite, descobridor de talentos.

Jaime era o que mais monologava interiormente para dar uma opinião que pudesse convencer.

– Desconfio de todos esses – disse. – Parece que todos têm implicações com o rapto. Mas a mais implicada é Laura Ferrucci.

Não digo que foi ela, mas sua tentativa de suicídio demonstra que tem ligações com a pessoa que raptou Alfredinho.

Então todos voltaram os olhos para Gino, que reservara sua opinião para o final, ouvindo pacientemente os demais.

– Agora vamos ouvir o coordenador geral das investigações – anunciou Leo. – Muito silêncio, por favor.

Tia Zula olhou orgulhosamente para o filho, pois o julgava o rapaz mais brilhante do bairro, apesar ou mesmo por causa de suas pernas paralisadas.

– Fale, Gininho!

Gino sorriu e exibiu a agenda verde, que entrava em cena pela primeira vez na reunião.

– Aparentemente todos estão errados – disse.

– Por quê? – perguntou Ângela, sentindo-se desafiada.

– Ninguém colocaria seu próprio nome numa agenda. Essas pessoas podem saber quem é o raptor, com certeza o conhecem, mas isto não caiu do bolso de nenhuma delas. Talvez sejam, inclusive, sócias do raptor, mas não as que penetraram na casa. Por isso o palpite mais coerente é o do Jaimão. Laura Ferrucci sabe quem é o homem, mas como os demais não foi ela quem agiu.

– Muito lógico! exclamou Guima. As pessoas da agenda são apenas conhecidas do raptor.

– Não acho tão lógico assim – replicou Leo. – Quem sabe a agenda foi deixada na casa dos Carlucci para estabelecer confusão, fazer a polícia perder tempo. Pensando melhor, vejam bem, os nomes nela relacionados são insuspeitos. Não é verdade? Imaginem que ela seja forjada e que o próprio nome do raptor esteja entre eles.

Como uma assistência de partida de tênis, todos passaram os olhos de Leo para Gino.

– Não vou contestar você, Leo. A agenda pode ser um blefe, uma invenção do bandido. Mas nesse caso ele não colocaria aqui nenhuma pessoa com quem tivesse alguma relação para não levantar pistas. Certo?

– Certo! – concordou Leo.

– Certo? – exigiu o enxadrista de todos para dar apoio total ao seu raciocinio.

– Certo! – todos repetiram.

Então Gino levantou a voz, dando ênfase à sua conclusão:

– Mas os nomes não foram postos na agenda ao acaso, sem nenhuma ligação com o rapto. O salsicheiro sabia alguma coisa e lhe arrebentaram a cabeça pra que não falasse. E Laura Ferrucci também sabia e com medo ou remorsos tentou matar-se. Não acredito, Leo, em sua tese duma falsa agenda, para despistar. Seria atribuir inteligência demais ao raptor.

– Então... – começou Leo, atraindo novamente os olhares da platéia – quem em sua opinião raptou o Garoto de Ouro?

Gino esperou que os olhares tornassem a convergir para ele e respondeu:

– Alguém cujo nome não está na agenda.

– É o mais evidente – concordou Jaime.

– Agora o que se tem a fazer – prosseguiu Gino – é arrancar uma confissão de Enrico e de Laura assim que possam falar. Mas essa é uma tarefa da polícia, não nossa.

– Quando vamos falar com a polícia? – perguntou Jaime.

– Amanhã cedo – respondeu Gino. – Já tenho encontro marcado com o doutor Arruda na casa dos Carlucci. Vou levar-lhe a agenda e nossas conclusões.

O COMEÇO DUMA SEGUNDA-FEIRA TENSA

Na segunda-feira, às oito, Leo já estava no saguão do Emperor Park Hotel, assumindo suas funções de bellboy, vendo à porta, no vistoso uniforme de porteiro, seu amigo Guima sorrindo para os

hóspedes que entravam e saíam. Trabalhar num hotel de cinco estrelas era um grande prazer para Leo, que se encantava com o luxo do ambiente, mas não havia nada pior naquele dia decisivo para o destino de Alfredo. Queria acompanhar tudo, lance por lance, bem de perto, e não podia. E para aumentar sua angústia, fazia-se perguntas. O raptor teria mandado outra mensagem? Enrico e Laura já estavam em condições de poder falar? Gino já tinha conversado com o doutor Arruda na casa dos Carlucci? E enquanto procurava adivinhar o que acontecia, subia os elevadores levando malas dos hóspedes, conduzindo recém-chegados às lojas e restaurantes do hotel e atendendo a chamados sempre urgentes da gerencia.

Ao meio-dia Leo telefonou para Ângela, que voltara do colégio antes passando pela casa de Gino. A moça tinha algumas novidades que foi contando nervosamente. Gino tivera, sim, o encontro com o delegado na casa de Alfredo, quando lhe mostrara a agenda verde e falara das entrevistas. Doutor Arruda admitiu depressa que devia haver mesmo uma ligação entre o rapto, a agressão sofrida pelo salsicheiro Enrico e a tentativa de suicídio de Laura Ferrucci. E prometeu trabalhar nesse sentido imediatamente. Assim que o delegado saiu, prosseguiu Ângela ao telefone, chegou o próprio Lucas Lazzari, o empresário, trazendo uma mensagem dos raptores. Haviam deixado uma carta na caixa de correio do edifício onde morava e em seguida um homem com sotaque estrangeiro telefonara para seu apartamento pedindo-lhe que apanhasse a mensagem. A carta estava escrita a máquina, com fita vermelha, como as duas anteriores e dava instruções para a entrega do dinheiro.

– Que instruções? perguntou o bellboy aflitamente.

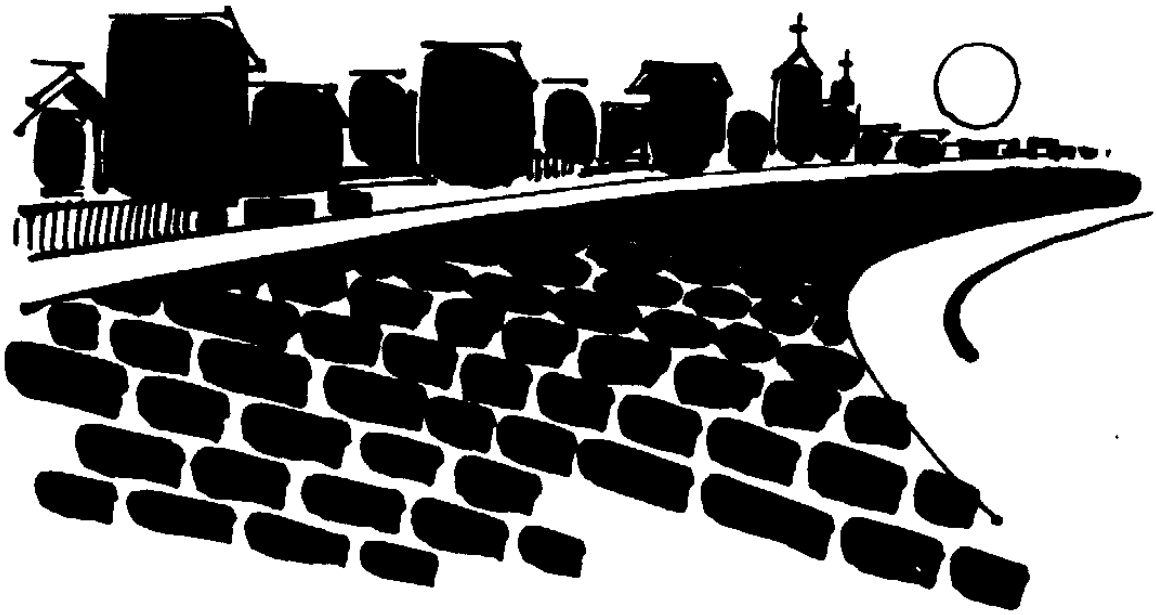
– Não sei – respondeu a moça. – Só o pai de Alfredo é quem sabe.

– Eles vão mostrar a carta à polícia?

– Desconfio que não.

Quando desligou o telefone, Leo estava mais nervoso do que antes de ouvir as novidades. Queria agir, participar, estar ao lado de Gino, discutir com ele, e não podia. Odiando o hotel, decidiu não ir à escola

aquela noite para ajudar a família de Alfredo em tudo que estivesse a seu alcance.



A mensagem do raptor, trazida pelo empresário, causou um alvoroço entre os Carlucci acompanhado de novas crises de choro de dona Bela e da nona. Jaime, porém, que estava presente, conseguiu equilibrar as emoções levando o dono da casa em seu carro para os bancos onde descontaram os três cheques.

– Devemos avisar a polícia? – perguntava-lhe seu Domingos.

– Depois a gente decide. O importante é ter o dinheiro em mãos para o caso de resolvermos pagar o resgate.

– Vamos estudar a situação – propôs o atarantado marceneiro quando regressaram à sua casa. – Me sinto incapaz de tomar uma decisão. Temo que matem meu filho se pusermos a polícia nisso.

– Calma, Domingos, calma – implorava Jaime. – Não se resolve nada antes de sabermos se Enrico e Laura falaram. Se abriram o bico, o negócio é com a polícia. Ainda temos muitas horas pela frente. O raptor marcou o encontro para a meia-noite.

Seu Domingos andava pela casa e bebia um copo de água atrás de outro.

– Mas como podemos saber se o salsicheiro e aquela mulher falaram?

– Doutor Arruda foi para o hospital?

– Disse que ia, depois de ter ouvido o Gino.

– Deixe para mim, seu Domingos. Eu vou até as Clínicas.

– Obrigado, Jaime. Vá. Mas não diga ao doutor Arruda que o raptor mandou outra mensagem. Se perguntar, responda que não sabe de nada.

– Entendi, Domingos – disse Jaime, e antes de sair ainda teve o bom humor de fazer uma piada: – Guarde bem o dinheiro, amigo. Você nunca teve tanto assim.

No hospital Jaime encontrou o doutor Arruda com dois investigadores no corredor do andar onde Enrico estava internado. Conhecendo o delegado de longa data, aproximou-se dele.

– Doutor, o salsicheiro já disse alguma coisa?

O delegado abanou a cabeça:

– Foi para a Intensiva. Está piorando.

– Que azar!

– Agora vamos ver a mulher. Está no outro andar.

– Posso ir junto? Conheço Laura bastante.

– Vamos.

Laura Ferrucci estava num quarto com uma senhora idosa que se recuperava duma operação. O risco da véspera passara e embora abatida já parecia fora de qualquer perigo. Ao ver o doutor Arruda entrar acompanhado de Jaime assustou-se e passou a simular, muito mal, o agravamento de seu estado físico. Fingia dificuldade de respirar e dores generalizadas.

Doutor Arruda curvou-se ante sua cama.

– Dona Laura, o que a levou a fazer isso? A senhora está me ouvindo bem, não está?

A ex-Miss Bela Vista voltou o rosto para a parede evitando o olhar inquiridor do delegado.

– Diga para o doutor – pediu Jaime. – É apenas rotina da polícia. Não vai lhe acontecer nada.

Laura continuou sem responder em sua péssima simulação de sofrimento físico.

Doutor Arruda ficou impaciente, irritado:

– Que ligação você tem com o rapto de Alfredo Carlucci? – perguntou secamente.

A frustrada suicida mudou de posição na cama, olhou com firmeza e raiva para o delegado e para Jaime e embora abrisse a boca, como se fosse dizer alguma coisa, continuou calada. Apenas algumas lágrimas lhe afloraram aos olhos.

– Sabe quem foi o raptor? – insistiu o delegado.

Um médico entrou para examiná-la.

– Com licença – disse. – Vou ver como ela está passando.

– Sou delegado de polícia – apresentou-se Arruda. – Não dê alta para essa mulher antes que possa ser interrogada. – Em seguida, saindo do quarto, dirigiu-se a Jaime. – Vamos ver agora o tal Zorba, o grego, que tentou agredir o Leonardo e a mocinha. Quer ir conosco?

– Quero, sim, doutor Arruda.

– Vamos, então.

Meia hora depois, duas radiopatrulhas, indo numa delas doutor Arruda e Jaime, estacionaram diante do cortiço onde o grego morava. Eles, dois investigadores e dois policiais fardados entraram no casarão pelos seus dois portões e seguiram rapidamente para o porão. Os policiais fardados empunhavam revólveres. Uma criança descalça apontou o quarto do grego.

Cautelosamente doutor Arruda empurrou a porta. Depois entraram Jaime e os policiais. O grego não estava lá e as gavetas dum guarda-roupa abertas e vazias.

Um homem magro, vestindo pijama e arrastando chinelas, apareceu.

– Sou o encarregado – informou. – Procuram por alguém?

– Onde está o grego? – perguntou o delegado.

– Foi embora hoje cedo. Levou tudo.

– Disse para onde?

– Santos.

Doutor Arruda abaixou-se e pegou o veleiro dentro da garrafa num canto do quarto.

– Esqueceu isto. Devia estar com muita pressa.

A MENSAGEM

A fuga do grego colocou-o imediatamente como cúmplice do raptor e a polícia começou sua caça a partir de informações logo obtidas na estação rodoviária. Soube-se, porém, que não viajara para Santos mas para o Rio de Janeiro.

Jaime voltou para a casa dos Carlucci e ajudou seu Domingos a contar os maços de dinheiro. Depois, foram reler a mensagem.

"O RESGATE DEVE SER ENTREGUE POR UMA PESSOA SÓ, O SENHOR OU ALGUÉM DE SUA CONFIANÇA. ABANDONE O SEU CARRO COM AS PORTAS ABERTAS, À MEIA-NOITE, NUM LUGAR A SER INDICADO. SE ALGO ME ACONTECER, MEUS COMPANHEIROS MATARÃO O RAPAZ".

Domingos passou os olhos pela carta e depois a leu em voz alta. As palavras postas em som levaram o pai de Alfredo a tomar uma decisão final.

– Vou pagar o resgate sem avisar a polícia. Não posso pôr em risco a vida de meu filho. Alfredo ainda vai ganhar muito mais que dez milhões.

– O importante é isso, Domingos, tomar uma decisão. Quer que eu leve o dinheiro?

– Eu mesmo levo.

– Agora só nos resta aguardar as últimas instruções.

– Mas não diga nada aos garotos – pediu Domingos. – Eles podem atrapalhar.

– Guardarei segredo.

Começava aí uma tarde de angústia para os Carlucci e para Jaime. A tarde, um investigador da equipe do doutor Arruda passou por lá a fim de saber se os raptores tinham se comunicado. Domingos, engolindo saliva, mentiu, dizendo que não. O investigador informou que Zorba seria detido a qualquer momento, no Rio de Janeiro, e que a máquina de escrever, de João Cabeçada, ia ser apreendida para averiguações. Quanto a Enrico e Laura Ferrucci continuavam mudos, ele em estado comatoso, ela fingindo impossibilidade de falar.

Quando o investigador saiu, Jaime garantiu a Domingos:

– Esse dinheiro vai ser recuperado. Não se preocupe. Enrico, Laura, o grego ou João Cabeçada acabarão dando a pista.

– Não estou pensando no dinheiro agora. Queria que chegassem logo as instruções do bandido.

Tocaram a campainha. Dona Bela olhou pela janela e disse ao marido:

– São jornalistas.

– Jaime, podia me fazer mais um favor? – pediu Domingos.

– Atender aos jornalistas?

– Não estou disposto a falar, principalmente quando obrigado a mentir.

– Você e dona Bela vão para o quarto. Eu atendo ao pessoal disse Jaime, sempre afável. E foi abrir a porta da rua dando passagem a um grupo ruidoso de repórteres e fotógrafos.

– Quais são as novidades? – perguntou um dos jornalistas.

– Infelizmente, nenhuma.

– Os raptores não se manifestaram mais?

– Ainda não.

Nesse momento uma repórter, com um ar malicioso, perguntou a Jaime:

– O senhor tem idéia de quantos compactos e long-plays do Garoto de Ouro foram vendidos desde sábado?

– Não tenho idéia.

– Pois eu lhe digo: trinta mil compactos e quinze mil long-plays. Isso só em São Paulo. A gravadora e o pai de Alfredo estão faturando alto.

Jaime fechou a cara:

– O que está insinuando, moça? Que tudo não passa dum truque publicitário?

– É bem provável que sim – afirmou a moça. – Não seria a primeira vez que coisas assim sucedem.

– Pois está enganada. Ninguém está brincando. O Garoto de Ouro foi raptado e seus raptores em breve estarão atrás das grades. É só o que posso dizer.

– É verdade que há um grego metido nisso?

– Parece que sim – disse Jaime. – Agora saiam, por favor, que a mãe e a avó do rapaz não estão passando bem.

Quando os jornalistas se foram, seu Domingos voltou à sala.

– O que queriam esses barulhentos?

– Novidades. Mas sabe o que eles pensam? – perguntou Jaime, sorrindo. – Que tudo não passa de propaganda porque nunca se vendeu tanto disco do Alfredinho.

– Agora só falta dizer que fui eu que raptei meu filho – explodiu Domingos, irritado.

– Não falta não – replicou Jaime. – Já ouvi gente falando isso.

Seu Domingos ameaçou dar um pontapé numa cadeira mas voltou para o quarto, resmungando.

ÚLTIMAS INSTRUÇÕES

Ao terminar o serviço no Emperor Park Hotel, Leo correu para casa ansioso por novidades. Seus pais não tinham tido contato com os Carlucci. Jantou depressa e dirigiu-se à casa de Gino, afobado. O primo estava no Centro Recreativo, disputando o torneio de xadrez. Telefonou para Ângela. Os pais dela tinham voltado de viagem e ela não sairia aquela noite. Foi então para a casa de Alfredo.

Jaime atendeu-lhe à porta.

– Estou aqui de porteiro – disse ele. – Domingos e Bela não querem receber ninguém. Estão exaustos.

– Os raptores mandaram outra mensagem?

– Mandaram, Leo, mas eles aí não querem que a polícia saiba.

– Onde vai ser o pagamento do resgate?

– Domingos está aguardando as instruções.

– Mas vão pagar?

– O que você faria no lugar deles? – perguntou Jaime. – Se não pagarem, matam o Alfredo.

– Acha que ainda podemos fazer alguma coisa?

– Agora é a vez da polícia. O grego fugiu para o Rio e estão atrás dele. A máquina de escrever do João Cabeçada já foi apreendida. O negócio é pagar e prender os bandidos depois.

Leo sacudiu os ombros.

– Já que não posso ajudar mais, vou para a escola.

– Você já fez muito, Leo. Você e aquela menina do Morro dos Ingleses. Aliás, todos nós fizemos o possível.

Sentindo que sua participação terminara naquele caso, Leo foi para a escola cônscio de que aquela noite não conseguiria enfiar nenhuma lição na cabeça. Além do mais, sentia-se derrotado. Ele, Angela, Gino e Jaimão não descobriram os raptores e Alfredo continuava em seu poder.

Foi dona Bela quem encontrou a carta com as últimas instruções dos raptores, depois das vinte e duas horas. Ousadamente, fora empurrada pelo vão da porta da rua. Pegou o envelope e correu para a sala de jantar onde o marido e Jaime aguardavam o noticiário da televisão.

– Vejam o que encontrei debaixo da porta!

Seu Domingos abriu o envelope precipitadamente. Ao ver as letras em fita de máquina vermelha, exclamou:

– É deles!

Nervoso, Jaime ordenou:

– Leia.

– O local é no bairro do Morumbi, nas proximidades do Palácio do Governo. Aqui tem um pequeno mapa.

Jaime pegou a carta e examinou o mapa.

– Sabe onde é esse lugar?

– Creio que sim.

– Deixe Jaime ir – disse Bela.

– Não, eu vou.

– Quer que o acompanhe de perto?

– Fique com Bela. Vou pôr a mala de dinheiro no carro.

– Não esqueça de deixar a porta aberta quando abandoná-lo – advertiu Jaime.

Pouco depois das onze, nervoso e bebendo muita água, seu Domingos entrou no seu Fusca e partiu.

– Ele devia ter permitido que você o acompanhasse de perto em seu carro – lamentou dona Bela.

– Vou atrás dele – decidiu Jaime. – Não deixarei o raptor me ver mas tenho medo que algo aconteça ao Domingos.

– Vá, sim – pediu dona Bela. – Faça-nos mais esse favor.
Desorientado como está, Domingos pode deixar o carro em lugar errado.

Sem dizer mais nada, Jaime saiu precipitadamente e entrou em seu Corcel, pondo-o incontinenti em movimento.

Alfredo, em seu cárcere privado, olhava para a última garrafa de refrigerante e um pedaço de queijo amarelo que restavam. Já não estava nervoso nem amedrontado. Apenas esperava, lembrando a voz do homem estrangeiro da noite passada. Seria argentino?

Os cães, nas proximidades, latiam de quando em quando. A serra que funcionara o dia inteiro silenciara seu ruído áspero e metálico ao cair da noite. O Garoto de Ouro há mais de um ano acostumado à companhia e ao calor dos auditórios reencontrava a tristeza da solidão. E nunca o tempo fora tão lerdo, igual, como uma música que só tivesse estribilho e se repetisse interminavelmente na vitrola.

Então, assim, de estalo, em meio a um pensamento qualquer, menos o de fuga, Alfredo olhou para o banco onde o seqüestrador tinha deixado a água, os refrigerantes e as provisões, e, enquanto seus olhos subitamente brilharam, disse para si mesmo com entusiasmo e esperança:

– Meu Deus! Parece que ele cometeu um engano!

O RESGATE

Seu Domingos chegou ao ponto assinalado no mapa, um local bastante escuro e deserto do pouco habitado Morumbi, dez minutos

Para não deter inutilmente o provável raptor continuou a andar para frente em ritmo mais apressado.

antes da meia-noite. Fechou os vidros do carro e ficou à espera da hora certa em que teria de abandonar o veículo. A cada minuto, olhava o relógio de pulso.

À meia-noite em ponto, saiu do carro, levando as chaves e foi caminhando na escuridão rumo a uma avenida distante. Quando já tinha dado cerca de cem passos, olhou para trás. Não viu o seu carro mas os faróis de um outro que se aproximava lentamente. Para não deter inutilmente o provável raptor continuou a andar para frente em ritmo mais apressado.

Precisou andar uns quinze minutos para chegar à avenida, hesitando entre apanhar um táxi e voltar ao lugar onde deixara seu carro, que, àquela altura, já devia ter sido visitado pelo seqüestrador. Foi quando um Corcel brecou a seu lado.

– Domingos! Domingos!

Era Jaime.

– O que faz aqui?

– Não podia deixá-lo sozinho, meu velho! Entre!

– Vamos para casa?

– Não. Mostre-me onde deixou seu carro! Tive a impressão de ver uma camioneta parada ao lado dum Fusca.

Domingos entrou no carro de Jaime e voltaram para o lugar onde ele deixara o seu.

– Será que ele já apanhou o dinheiro?

É o que vamos ver, Domingos.

Minutos depois, Jaime estacionava diante do Fusca e saía a toda pressa. Abriu a porta do carro e espiou:

– O homem já esteve aqui.

– Viu alguém dentro da camioneta? – perguntou Domingos.

– Tive a impressão de ver alguém com uma capa preta impermeável.

– Eu vou no meu Fusca. Venha atrás – disse seu Domingos, ansioso por rever o filho.

– O banco! – exclamava o Garoto de Ouro. – O banco!

Tirando o jarro de água, as garrafas de refrigerante e os pratos de cima do banco, Alfredo ergueu-o no ar. Era sólido e pesado. Podia funcionar como verdadeiro aríete. Começou por quebrar parte da vidraça da janela e da madeira que a dividia em pequenos quadrados. Com certeza, o raptor colocara vigas protetoras do outro lado das venezianas. Mas ele podia, usando o banco, romper uma a uma as traves das venezianas, abrir um buraco, enfiar a mão através dele e livrar-se das trancas.

A princípio teve receio de que o barulho, cada vez maior, ecoando pela casa vazia, pudesse atrair os raptores. Mas após as primeiras pancadas, como ninguém aparecesse, ganhou a certeza de que estava realmente sozinho e passou a golpear as venezianas com mais violência e insistência. Antes que seus braços se cansassem já conseguira fazer uma fenda do tamanho duma bola de câmera. Enfiou o braço inteiro e tateou a tranca que devia haver lá. Não havia uma, mas duas. Uma abaixo do buraco, outra acima dele, como dupla precaução.

Alfredinho ergueu uma e outra com os dedos e ouviu o ruído delas quando caíram sobre o cimento dum corredor interno da casa. Em seguida, abriu as venezianas de par em par e saltou para um compartimento que lhe pareceu uma copa ou despensa. Não estava livre ainda. A porta da sala de jantar que devia dar acesso ao exterior tinha sido fechada a chave. Andando no escuro, tateando, a ouvir o ritmo acelerado de sua respiração, tentava localizar a sala de visita, que nas velhas casas eram sempre na frente, diante da rua.

Não foi difícil encontrá-la. Quase livre agora. Mas também estava fechada a chave, o que demonstrava algumas precauções adicionais do seqüestrador. Alfredo foi buscar o banco no cômodo onde estivera aprisionado e começou a vibrá-lo contra a fechadura. A resistência inicial o assustou um pouco mas a fechadura acabou cedendo e ele entrou na sala que cheirava a mofo ainda mais que o resto da casa.

Abriu a janela e por fim as venezianas. Olhou a rua. Sim, era seu bairro. Ali era o canil de Marino Bataglia e logo além a serraria. Em dez minutos a pé estaria em sua casa. Sentou-se sobre o peitoril da janela e saltou para fora sentindo maravilhosa e fresca sensação de liberdade. Parecia ter estado anos preso naquela casa deserta e afinal estava livre.

A VOLTA DO RAPTADO

Foi dona Bela quem abriu a porta quando Alfredo tocou a campainha. Ao vê-lo, ela o abraçou e rompeu num choro que era o alívio de tantas horas de tensão. Não conseguia dizer nada. Logo acorreram a nona, seu Domingos e Jaime.

– Eles o soltaram? – exclamou seu pai, abraçando-o.

– Não! replicou Alfredo. – Eu fugi!

– Quem são eles? – quis saber Jaime.

– Não sei, só vi um – disse o Garoto de Ouro, abraçado pela mãe e pela velhinha, ambas chorando e umedecendo-lhe o rosto com suas lágrimas.

– Onde esteve preso?

– Naquela casa onde era alfaiataria. Logo aí, pai. Pertinho.

– Você comeu? perguntou-lhe dona Bela.

– Comi, sim. Mas o que eles queriam? Muito dinheiro?

– Dez milhões – disse-lhe seu Domingos. – Já fui levar. Se você tivesse fugido uma hora antes...

– Puxa, pai!

– A polícia vai recuperar o dinheiro! – tranqüilizou Jaime.

– Mas como era essa pessoa que o raptou?

– Só sei que tinha sotaque estrangeiro – disse Alfredinho. – Talvez fosse argentino.

– Sabe, meu filho – lembrou seu Domingos abraçando-o – Chegaram a fofocar que tudo não passava dum truque para vender discos.

O Garoto de Ouro riu pela primeira vez desde sexta-teira a noite. Em seguida foi para a cozinha, levado pela mãe e pela avó, que notando a palidez do rapaz queriam encher-lhe o estômago de comida, mesmo contra sua vontade.

A notícia, apesar de tarde da noite, correu pelo bairro. Não tardaram a chegar Leo, seu pai Rafa, Gino, tia Zula e muitos outros amigos da família. Alfredo contou em detalhes tudo o que lhe acontecera e respondeu a mil perguntas. Leo falou-lhe das investigações feitas por ele, o primo e Angela, e Gino foi examinar mais uma vez a janela por onde o seqüestrador entrara.

– Vamos dormir agora – disse seu Domingos, já quase às três horas da madrugada. – Amanhã teremos de ir à delegacia. Há dez milhões de cruzeiros voando por aí.

A VOLTA DA AGENDA VERDE

No dia seguinte bem cedo, Alfredo, seu Domingos, Jaime, Leo, Gino e Angela, que apareceu inesperadamente, foram à delegacia. Lazzari não pôde ir. Doutor Arruda recebeu a todos em sua sala. Já estava informado da fuga de Alfredo e seus investigadores estavam examinando a casa onde o Garoto de Ouro estivera preso.

– Estamos muito felizes com sua volta, Alfredo – disse o delegado. – O que pode dizer sobre o homem?

– Apenas que era mais alto que baixo e tinha sotaque estrangeiro – declarou o rapaz.

– Sotaque estrangeiro. É o grego! exclamou Leo.

– Não replicou seu Arruda. – Zorba foi detido ontem no Rio. Está metido em pequenos contrabandos, mas quanto ao rapto tem um bom

álibi. Sexta, à noite, estava num navio, em Santos, jogando dados. Tem toda uma tripulação para testemunhar em seu favor

– E quanto à máquina de escrever de João Cabeçada? – perguntou Gino.

– Não é a mesma que usaram para escrever as mensagens. João Cabeçada regenerou-se realmente. Hoje é um homem totalmente recuperado.

– E quanto às escoriações na testa de Heitor Salvattore? – lembrou Angela, supondo pôr o delegado em xeque.

– Aquilo não é nada.

– Como não é nada?! insistiu a moça.

– Heitor é bom de braço-de-ferro mas com as mulheres nem sempre leva a melhor. Foi obra da copeira duma cantina, que ele quis beijar. Ela não gostou e lhe jogou um pouco de água quente. Heitor, envergonhado, não divulgou muito isso, mas muita gente presenciou o vexame.

– Quanto ao ódio que madame Santa tem de dona Bela, já descobri o motivo – esclareceu Gino. Bastou perguntar para minha mãe. Dona Bela, quando casou, não fez o vestido de noiva em seu ateliê, que naquela época era muito ativo. Santa nunca a perdoou.

Doutor Arruda retomou a palavra.

– A respeito da agenda verde do comilão, o Tozzi, ele ganhou de um de seus admiradores. Foi o que disse e um dos meus investigadores comprovou. Realmente é igualzinha a esta – disse o delegado retirando do bolso a agenda encontrada na casa dos Carlucci por Leo.

Seu Domingos fixou os olhos na agenda.

– Eu também tinha uma igual a esta e perdi.

– Perdeu onde?

– Não sei. Notei falta dela no dia seguinte ao rapto. Sempre a levava no bolso.

Doutor Arruda passou-lhe a agenda.

– Veja essa.

Seu Domingos pegou a agenda, abriu-a e disse:

– Mas é a minha!

Leo, Gino, Jaime e Ângela trocaram olhares, que variavam da decepção ao desejo de rir do grande engano em que haviam caído.

– Tem certeza que é sua? – perguntou Leo.

– Sem dúvida, é minha.

– Por que o senhor anotou esses nomes? – perguntou Ângela.

– Ora, porque são fregueses meus da marcenaria. Para todos esses fiz algum servicinho. Inclusive para madame Santa, embora ela deteste minha mulher.

– Então ela não caiu do bolso do seqüestrador? – exclamou Leo, interrogativamente.

– Caiu do bolso de seu Domingos – disse Gino.

– Que bobos nós fomos! Perdemos nosso tempo! – lamentou Ângela.

– Podemos ter sido bobos – concordou Gino – mas não perdemos totalmente nosso tempo. Enrico e Laura Ferrucci parecem estar realmente implicados no rapto. Pena que não podem falar ainda.

Doutor Arruda, que também achara graça no equívoco dos jovens detetives, observou:

– Isso é comum na investigação de crimes. As vezes uma pista falsa acaba levando a outra verdadeira. Enrico ou Laura falará. Só espero que não aconteça quando os raptores estiverem muito longe.

– Acho que ele não está longe – asseverou Gino.

– Fique quieto – disse Leo. – Você como detetive fracassou.

Entrou na sala um investigador trazendo uma capa de chuva preta e um lenço da mesma cor.

– Isso foi encontrado na casa abandonada.

– Era a que o homem que me atacou usava – declarou Alfredo.

– Deve ter sido roubada de Heitor Salvattore – disse Gino. – Ele possui uma capa, também preta, que sumiu do seu hotel.

– Descobriram de quem é a casa? – perguntou o delegado.

– Descobrimos. O dono é um homem muito idoso que vive numa fazenda do Paraná. Nunca vem a São Paulo.

Doutor Arruda levantou-se:

– A reunião acabou. Agora vou trabalhar. Precisamos apanhar os raptores.

– O raptor – corrigiu Gino.

– Foram três vozes ao telefone. A do homem rouco, de uma mulher e do estrangeiro.

– O raptor foi um só – garantiu Gino, comodamente sentado em sua cadeira de rodas.

– Sendo um ou três, vamos pegá-los – garantiu o delegado já abrindo a porta de sua sala de trabalho para sair.

– Não tenha tanta pressa – advertiu Gino. – O senhor não precisa andar muito para prender o raptor.

– O que você disse, rapaz? – perguntou o delegado.

– Exatamente o que ouviu, doutor. O raptor está perto.

O pai de Alfredo saltou de pé.

– Não brinque com essas coisas, garoto!

– Não estou brincando.

– Esqueceu da minha agenda? Você, o tempo todo pensando que pertencia ao seqüestrador! Quase confunde a polícia por causa desse caderninho.

– Por que não se senta? – sugeriu Gino, calmo.

Seu Domingos tornou a sentar-se, de má vontade.

– Diga o que tem a dizer, Gino – ordenou o chefe de polícia.

APRESENTO-LHES O RAPTOR

Gino fez uma pausa alongada pelo constrangimento geral. O próprio Alfredinho parecia não estar muito à vontade. Apenas Jaimão mantinha uma serenidade que em vão Leo e Ângela tentavam imitar.

– Bem, eu desde o início impliquei com uma coisa – começou Gino. – Aquela janela da casa de Alfredo. Como seria possível saltar de fora para dentro sem forçá-la, a não ser que seu Domingos tivesse esquecido de fechá-la? Mas ele garantiu diversas vezes que não esqueceu. Verdade, seu Domingos?

– Sim, fechei, me lembro bem.

– Então alguém tornou a abri-la para depois poder entrar.

– Tem lógica – disse o delegado.

– Algumas pessoas estiveram em casa antes de irmos à cantina, esperar o Alfredinho. Lazzari, o diretor da gravadora, Guima... – foi lembrando seu Domingos.

– Continue Gino – ordenou doutor Arruda.

– A pessoa que deixou a janela apenas encostada, saiu e depois voltou estacionando seu carro na garagem descoberta da casa. Estava bem vestida porque pretendia voltar, mais tarde, para a cantina, onde já estivera, o que o tornava mais insuspeito. Mas levava a capa preta impermeável, provavelmente roubada de Heitor Salvattore, o lenço preto e um vidro de anestésico.

– Um momento! interrompeu o delegado. – Como sabe que estava bem vestida?

– Oscar, o rapaz cego, que mora quase vizinho, ouviu quando o carro do raptor chegou. Disse ele que alguém, passando de caminhão, por brincadeira gritou: "Eh, grã-fino!"

– Prossiga!

– O resto já sabemos. Ele escondeu-se num dos quartos e quando Alfredinho ia saindo, atacou-o e dominou-o com o lenço embebido numa espécie de clorofórmio. Depois, como seu carro estava dentro, foi fácil colocar Alfredo na mala do automóvel. Retirá-lo, depois, também foi fácil, porque a casa onde Alfredo esteve encarcerado também tem entrada para veículos. Pôde carregá-lo nos braços, para o interior, sem correr muito risco de ser visto por quem passasse pela rua. Em seguida, o raptor voltou para a cantina.

– E a casa, como ele a conseguiu? perguntou o investigador que trouxera a capa.

– Se o seqüestrador é a pessoa que eu penso, ela lida com imóveis e sabe muito bem quais são as casas desabitadas do bairro e em quais condições. Talvez até já tenha tido alguma opção do proprietário para vender ou alugar a residência.

– Mas foram três as pessoas que telefonaram falando das mensagens – falou doutor Arruda. – Não esqueça.

– Três perfeitas imitações, de homem rouco, de mulher e de estrangeiro. Quando ele tentou conversar com Alfredo, através da porta, como ele nos contou ontem, também estava fazendo um tipo radiofônico.

A esta altura, todos olharam ao mesmo tempo para a mesma pessoa.

– E sobre a pancada na cabeça de Enrico? – quis saber Leo, já entendendo o raciocínio do primo.

– Quando resolvemos entrevistar as pessoas relacionadas na agenda, ele escolheu as que mais a interessavam. Sabia das relações entre Marino e Enrico, a quem convidara para cúmplice, e, ao saber que o salsicheiro andara abrindo o bico, decidiu silenciá-lo. Quanto à Laura Ferrucci, a primeira a gritar na cantina "Foi raptado! Foi raptado!", ela conhecia o plano. Com certeza, o seqüestrador precisava desse dinheiro na esperança de que ela casasse com ele, pois segundo antigos moradores do bairro sempre fora apaixonado pela ex-Miss Bela Vista. Com receio de ser envolvida ela tentou o suicídio.

– Agora diga o nome dele – exigiu o delegado.

Gino olhou para Jaimão, o que os outros já faziam.

– Apresento-lhes o raptor.

O pai de Alfredo levantou-se outra vez.

– Eu não acredito. Esse menino está inventando coisas. Jaime me disse como devia fazer para obter o dinheiro, foi comigo pedir o adiantamento para o empresário Lazzari e para o diretor da gravadora, me ajudou a pôr os dez milhões na mala...

Todos os olhares convergiram para Jaimão, à espera de que se defendesse.

– E depois foi apanhá-los dentro de seu Fusca – replicou Gino, alterando um pouco a voz. – E seria capaz de matar Alfredinho se o senhor não pagasse o resgate.

– Defenda-se – disse seu Domingos a Jaime. – Não fique aí parado, homem. Defenda-se! Você está sendo acusado de rapto! Abra a boca e fale.

Nesse instante, outro investigador entrou.

– Boas notícias! Telefonaram do hospital! Enrico está fora de perigo e Laura Ferrucci quer falar com o senhor para fazer uma acusação.

O pai de Alfredo tocou Jaime com a mão para apoiá-lo e animá-lo.

– Laura vai salvar você, Jaime. Ela vai apontar o raptor.

Todos os olhares convergiam para Jaimão, à espera de que se defendesse. Ele baixou a cabeça e começou a mexer os lábios antes de pronunciar as primeiras palavras.

– Tudo é invenção! – disse. – Não há provas contra mim! Eu não faria isso! Nunca! – e levantou-se. – Tenho certeza, doutor Arruda, que o senhor não acredita no que esse menino está dizendo. Ele iludiu a mim também com aquela agenda que imaginou ter caído do bolso do raptor. Vou para meu apartamento. Se quiserem me interrogar, estou às ordens.

Jaime saiu da sala, batendo a porta, no que foi acompanhado por seu Domingos, solidario.

– Não o deixem ir! – bradou Gino. – Ele pode escapar. O dinheiro deve estar em seu apartamento ou mesmo no carro.

Doutor Arruda e o investigador saíram da sala, acompanhando às pressas os passos de Jaime.

Quando ele já entrava no carro, o delegado, à porta da delegacia, ordenou:

– Abra o porta-malas!

A essa altura, além do doutor Arruda e do investigador, seu Domingos, Alfredo, Leo, Angela e o próprio Gino já apareciam na rua.

Jaime, sentado à direção, hesitava:

– Se você não deve nada, abra o porta-malas – disse-lhe seu Domingos, notando a hesitação.

Jaime colocou a chave no porta-malas que se abriu. Doutor Arruda deixou seu Domingos espiar primeiro.

– A minha mala... – balbuciou o pai de Alfredo.

Meia hora depois, de volta à delegacia, Jaime confessava. Fizera tudo sozinho, porque seus negócios iam muito mal e porque de fato voltara a apaixonar-se por Laura e para casar com ela precisaria de dinheiro. Calculando que não conseguiria realizar o rapto sem ajuda, tentara atrair Enrico, que se acovardara mesmo antes de saber quem seria a vítima. Tivera que calá-lo com uma peça de madeira que fora buscar na casa abandonada. Quanto a ex-Miss, para provar-lhe seu amor, contou-lhe o plano. Ela tentara o suicídio temendo ser envolvida.

O rapto acontecera mesmo como Gino descrevera. Depois de convencer Alfredo a chegar à cantina com algum atraso, reabriu a janela da sala de jantar e foi acompanhar seu Domingos, dona Bela e a nona até a cantina. Mas não se demorou lá, voltando à casa dos Carlucci com a capa e o chapéu pretos roubados de Heitor Salvattore e um vidro de clorofórmio. Levou o rapaz, desacordado, em seu carro, para a casa desabitada, cuja chave possuía pois já tivera opção de aluguel ou compra, e que preparara para receber o hóspede e prisioneiro, colocando trancas nas venezianas. A água, os refrigerantes e as provisões já estavam lá sobre um banco que encontrara na casa. O único incidente até ali fora de fato o caminhoneiro, que, passando diante da casa dos Carlucci, vira-o bem vestido e chamara-o de "grã-fino". Receou que se tratasse de algum conhecido. Realmente vestira-se bem porque logo voltaria à cantina onde se portou com naturalidade. Ausentara-se durante apenas trinta minutos, o que não chegara a chamar a atenção.

Com facilidade para imitar vozes, devido a sua experiência no rádio, comunicou-se a primeira vez com uma voz rouca, como a de Marino, que andava resfriado, a segunda com voz de mulher velha, que poderia confundir-se com a de madame Santa e a terceira com a voz de um estrangeiro, confundível com Lazzari, argentino, ou com o grego. A

mesma intenção de criar falsas pistas inspirara o roubo da capa e do chapéu pretos de Heitor Salvattore. Precisava causar confusão, através da variedade de suspeitos, para ganhar tempo e depois desaparecer com o dinheiro acompanhado ou não por Laura.

Quando Leo encontrou a agenda verde para mim foi sopa no mel – disse. – Eu poderia trabalhar em meu próprio benefício e de forma insuspeita. Foi o que fiz. E tudo se tornou ainda melhor quando convenci Domingos a obter um adiantamento do empresário e da gravadora. Apenas entrou um pouco de areia no momento em que Domingos decidiu entregar pessoalmente o resgate. Para evitar o fracasso do plano, fui atrás dele, como se desejasse protegê-lo, entrei em seu carro, quando ele o abandonou, peguei a mala com os dez milhões, passei-a para o porta-malas do meu, e fui ao seu encontro.

– E no tocante às mensagens? – indagou o delegado.

– Usei uma máquina de escrever da Escola de Datilografia que freqüentava com essa intenção. A mensagem mais difícil de entregar foi a última, na própria casa de Alfredinho. Quase a nona me vê quando pus a carta sob a porta.

– E se ninguém pagasse o resgate? – perguntou o doutor Arruda. – Não pensou nisso?

– Pensei – respondeu Jaime Barone. – Nesse caso, acho que eu não voltaria mais para aquela casa...

UM PASSEIO PARA REFRESCAR A CABEÇA

Ao saírem da delegacia Leo, Gino, Ângela e Alfredo resolveram dar um passeio, a moça empurrando a cadeira de rodas. Houvera uma vitória mas não se podia dizer que algum deles estava muito feliz.

Todos simpatizavam com Jaime, que não parecia capaz de praticar raptos e agressões, e Alfredo admitiu que se o tivesse ajudado, quando começara a ganhar dinheiro, feito dele uma espécie de secretário, com certeza não teria chegado ao crime.

– Quando começou a suspeitar dele? – perguntou Leo a Gino.

– Quando Laura tentou o suicídio. Achei que a lista dele era mais quente que a sua e de Ângela. E lembrei-me da pressa com que selecionou seus nomes. Depois, conversando com minha mãe, com a mãe de Oscar e com outras pessoas que conhecem bem a crônica do bairro, soube da paixão que Jaime teve por Laura. Foi um dado a mais. Essas coisas são como um jogo de armar – a gente vai juntando os pedaços e de repente surge um barco, uma casa ou a cara duma pessoa.

– E você, Alfredo, quando vai voltar ao trabalho?

– Ainda não sei, mas recomeçarei pelo show na cantina. Afinal, ainda o devo para o pessoal do bairro. Depois, talvez tire umas pequenas férias com os velhos. Lá, na casa, naquela escuridão, podendo ser morto a qualquer momento, descobri que o dinheiro não é tudo. Viver é o mais importante.

– Isso é verdade – concordou Gino. – Mas esse é o tipo da conclusão a que a gente chega e esquece em seguida.

Leo notou que Ângela olhava demais e sorria também demais para o Garoto de Ouro e ficou momentaneamente enciumado. Mas uma súbita lembrança interrompeu esse sentimento e ligou ele e Angela na mesma expectativa.

– Gino! Afinal, como é que foi o final do torneio de xadrez? Você disputou a finalíssima, não?

– Disputei respondeu Gino.

– Como era o adversário?

– Muito forte. Tinha uma inteligência brilhante. Um raciocínio frio e lúcido. Adivinhava meus lances.

– Então você perdeu?

Gino olhou longamente para o céu e para as casas do bairro.

– Está uma bela manhã! exclamou.

– Ganhou ou perdeu? – cobrou Leo.

– Ganhei, é claro – disse Gino. – O rapaz era realmente bom. Mas não o suficiente.

UM POUCO DEPOIS DO FIM

Jaime Barone, o Jaimão, corretor de imóveis e ex-ator de rádio, ficou detido, foi julgado e preso na Penitenciária. Enrico, o salsicheiro, não morreu e até o final da vida mostrará aos curiosos uma cicatriz na cabeça. Laura Ferrucci saiu logo do hospital, e nada lhe aconteceu porque Jaime a inocentou. Tozzi, o comilão, perdeu muitos quilos mas ainda está longe de posar para anúncios de remédios que emagrecem. Zorba, o grego, acusado de fazer contrabando, passou uma boa temporada na Detenção.

Quanto ao show de Alfredo, o Garoto de Ouro, na cantina, foi realmente um sucesso. Claro que Leo, Gino, Angela e Oscar estiveram presentes e ocuparam a mesa principal. Ele cantou como nunca, acompanhando-se com sua nova guitarra. Era a alegria de viver que voltava!

A nota humorística da festa foi quando Heitor Salvattore entrou no salão com a capa e o chapéu pretos, que Jaime lhe roubara, para implicá-lo, e o lenço no rosto. Brincadeira de mau gosto.

Vendo aquela figura toda de preto, perto do roqueiro, Gino comentou:

– Isso é o que se chama humor negro!

FIM